



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
III CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**LINDAILZA TORRE SALES**

**A FONÉTICA E FONOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E NO ENSINO  
MÉDIO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DOS METAPLASMOS**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

**LINDAILZA TORRE SALES**

**A FONÉTICA E FONOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E NO ENSINO  
MÉDIO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DOS METAPLASMOS**

Monografia apresentada ao III Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

L163f Sales, Lindailza Torre  
A fonética e fonologia no ensino fundamental II e no ensino médio a partir de uma perspectiva dos metaplasmos / Lindailza Torre Sales. - Cajazeiras, 2016.  
77f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inacio da Silva.  
Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Língua portuguesa - história. 4. Língua portuguesa - ensino. 5. Língua portuguesa - ensino básico I. Silva, Abdoral Inacio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'34

**LINDAILZA TORRE SALES**

**A FONÉTICA E FONOLOGIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II E NO ENSINO  
MÉDIO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DOS METAPLASMOS**

Monografia apresentada ao III Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Msdo. Abdoral Inácio da Silva

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Msdo. Abdoral Inacio da Silva  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva  
Titular

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rose Maria Leite de Oliveira  
Titular

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hérica Paiva Pereira  
Suplente

*Aos meus amados pais Pedro Heleno e Leonilda; a minha avó Edite; e ao meu esposo José Evandro por sempre estarem comigo e encorajarem-me a não desistir dos meus sonhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Abdoral Inácio meu orientador, pelo seu empenho, dedicação e paciência, mas acima de tudo pela confiança que depositou em mim;

A todos os meus professores da Especialização por terem me proporcionado um novo conhecimento, possibilitado avançar mais um degrau na minha aprendizagem;

Aos meus pais Pedro Heleno e Leonilda que sempre me deram o apoio necessário;

A minha avó Edite sempre preocupada com a minha produção e sempre presente em minha vida;

Ao meu esposo José Evandro por estar sempre comigo e pelo carinho e atenção;

As minhas irmãs Maria do Socorro e Leidiane por serem sempre muito carinhosas comigo;

E aos meus colegas de curso que torceram pelo meu crescimento.

## RESUMO

A presente pesquisa tratará das transformações fonéticas e fonológicas na língua portuguesa, ocorridas ao longo de sua história de formação, abrangendo as modificações desde o latim até o português como conhecemos atualmente. E ainda traremos uma abordagem que poderá ser útil no ensino de língua portuguesa nas séries do Ensino Básico, atentando especialmente para o ensino de Fonética e Fonologia. Nessa perspectiva se procurará fazer um percurso das transformações internas da língua portuguesa iniciando-se pelo latim clássico, passando pelo latim vulgar, galego-português, português arcaico, clássico até o português contemporâneo, fazendo a discussão das características e modificações ocorridas na língua em cada uma dessas fases. Fundamentaremos nosso trabalho nas teorias de Coutinho (2011), Ilari (2006), Carneira (2006) entre outros autores que tratam dessas transformações. Nesse percurso será mostrado que, dentre outros fatores, as modificações fonéticas e fonológicas foram responsáveis por muitas transformações em outros campos da língua, e que o sistema ortográfico que é vigente atualmente é fruto dessas modificações. Além de tal percurso faremos uma análise das coleções Vontade de saber português (2012) e Português: contexto, sentido e interlocução (2013), sendo a primeira do Ensino Fundamental e a segunda do Ensino Médio. Avaliaremos como estas coleções lidam com a história da língua portuguesa, se se preocupam em trazer essa abordagem, e, ainda, como estas fazem a abordagem da Fonética e Fonologia, quais aspectos são levados em consideração. Antes dessa análise trataremos dos metaplasmos numa perspectiva diacrônica e sincrônica. Por fim, mostraremos algumas propostas que podem auxiliar no ensino numa perspectiva histórica e no ensino de Fonética e Fonologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética e Fonologia. História da Língua Portuguesa. Ensino de Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This research will address the phonetic and phonological changes in Portuguese, occurred during its formation history, embracing the changes from Latin to the Portuguese as we know today. And yet we bring an approach that may be useful in the Portuguese language teaching in basic education series, with special attention to the teaching of phonetics and phonology. In this perspective it will try to make a path of internal transformation of the Portuguese language by starting the classical Latin, through Vulgar Latin, Galician-Portuguese, Portuguese archaic, classic to contemporary Portuguese, making the discussion of the characteristics and modifications in the language each of these phases. Will base our work on theories Coutinho (2011), Ilari (2006), Carneira (2006) and other authors who deal with these changes. Along the way it will be shown that, among other factors, the phonetic and phonological changes were responsible for many changes in other language courses, and the spelling system that is currently in force is the result of these changes. In addition to this route we will make an analysis of the collections: *Vontade de Saber Português* (2012) and *Português: contexto, sentido e interlocução* (2013), the first of elementary school and the second high school. We assess how these collections deal with the history of the Portuguese language, if not bother to bring this approach, and also how they make the approach to phonetics and phonology, which aspects are taken into consideration. Before this analysis will deal with the metaplasms a diachronic and synchronic perspective. Finally, we show some proposals that may assist in teaching from a historical perspective and teaching of phonetics and phonology.

**KEYWORDS:** Phonetics and Phonology. History of the Portuguese Language. Teaching of Portuguese Language.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1. Terminações das declinações.....</b>	<b>17</b>
<b>Quadro 2. Pronomes pessoais.....</b>	<b>19</b>
<b>Quadro 3. Pronomes possessivos.....</b>	<b>20</b>
<b>Quadro 4. Pronomes relativos.....</b>	<b>21</b>
<b>Quadro 5. Conjugações verbais do latim clássico.....</b>	<b>24</b>
<b>Quadro 6. As consoantes latinas.....</b>	<b>25</b>
<b>Quadro 7. As vogais no latim clássico.....</b>	<b>27</b>
<b>Quadro 8. Consoantes do galego-português.....</b>	<b>36</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	
<b>CAPITULO I-DO LATIM CLASSICO AO LATIM VULGAR.....</b>	<b>15</b>
1.1 LATIM CLÁSSICO.....	15
1.1.1 Aspectos sintáticos e morfológicos.....	15
1.1.2 Os verbos no latim clássico.....	23
1.1.3 Aspectos fonéticos e fonológicos.....	25
1.2 LATIM VULGAR.....	29
<b>CAPÍTULO II-DOS PRIMEIROS INDÍCIOS DO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>34</b>
2.10 GALEGO-PORTUGUÊS.....	34
2.2 O PORTUGUÊS ARCAICO.....	39
2.3 O PORTUGUÊS CLÁSSICO.....	43
2.4 O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.....	47
<b>CAPÍTULO III-REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FÓNETICA E FONOLOGIA A PARTIR DA ANÁLISE DOS METAPLASMOS.....</b>	<b>50</b>
3.1 METAPLASMOS.....	54
3.2 ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E NO MÉDIO.....	57
3.2 ALGUMAS PROPOSTAS PARA A INTRODUÇÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA INTERNA DA LÍNGUA E ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA.....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo do quadro evolutivo da língua será bastante esclarecedor nas diversas áreas da língua portuguesa (morfologia, sintaxe, fonética e fonologia, ortografia e o léxico da língua), a compreensão dos diversos aspectos da língua torna-se menos complexo quando contamos com as justificativas a luz da história da língua, na ortografia há muitas complicações que quando se procura explicações à luz da evolução da língua tornam-se mais simples de serem compreendidas.

No percurso da evolução da língua portuguesa observaremos as transformações fonéticas e fonológicas atentando para o fato de que essas transformações muitas vezes influenciaram mudanças ocorridas na morfologia, na sintaxe e no léxico da língua. Levando em consideração esse fato, procuraremos fazer um estudo de como se dá o ensino de Fonética e Fonologia, quer seja do ponto de vista diacrônico quer seja do ponto de vista sincrônico, no Ensino Básico.

O ensino de Fonética e Fonologia nas séries do Ensino Básico é colocado sempre como algo sem relevância para a aprendizagem dos estudantes. Os conteúdos são sempre abordados de forma muito superficial, deixando-se de lado aspectos interessantes para o ensino. Que são tratados de maneira bastante simplificada, considerando-os conteúdos de importância secundária no ensino de língua. Notadamente, é fácil de identificar que o ensino de Língua Portuguesa, nos Níveis Fundamental II e Médio, vêm sempre dando mais importância ou priorizando os conteúdos de Morfologia e Sintaxe.

Vale ressaltar que mesmo se dando privilégio aos conteúdos morfossintáticos, o ensino de língua materna trata de assuntos sobre quais seria de grande relevância para os alunos terem conhecimentos básicos de aspectos fonéticos e fonológicos da língua. Um bom exemplo são os estudos das noções de *homofonia* e *aliteração*, que requerem dos alunos conhecimentos que os ajudem a distinguir facilmente aspectos fônicos de aspectos gráficos.

Para fazer com que os aprendizes, que estão no nível básico, consigam adquirir um bom domínio de ortografia, os conceitos fonéticos e fonológicos têm uma grande relevância. Veloso e Rodrigues (2001) apontam para a importância de se ter os conceitos fonéticos e fonológicos desde cedo na aprendizagem da língua. Os autores afirmam que uma consciência acerca desses conceitos, desde cedo, vai ajudá-los a evitarem cometer alguns erros ortográficos frequentes.

Um estudo dos conteúdos de Fonética e Fonologia, organizado a partir de uma proposta adequada, ajudaria os aprendizes a desmistificarem muitas de suas dúvidas: a primeira seria em relação à escrita e pronúncia de muitas palavras, que tem, por exemplo, o “S” com som de “Z”, entre outros fenômenos. Certamente, o estudo das evoluções fonéticas e fonológicas auxiliaria professores e alunos a terem uma melhor compreensão de fenômenos como esse e outros mais que existem no percurso da evolução da língua.

Mesmo assim, muitos livros didáticos insistem em abordá-los de maneira superficial, ou às vezes não tratam do assunto, visto que a maioria dos livros didáticos tende a transformar os estudos de Fonética e Fonologia em abordagens que se limitam a fazer a contagem de letras e sons das palavras, deixando de lado aspectos relevantes como variações linguísticas. Em toda e qualquer língua sempre haverá uma variante tida como padrão e outra chamada não padrão. Pode-se dizer que trabalhar essas variantes do ponto de vista fonético e fonológico serviria para desmistificar as noções que os alunos têm do falar certo e do falar errado, mas esse é um dos aspectos que muitas vezes é deixado de lado, ao se trabalhar fonética e fonologia no Ensino Básico.

Verifica-se ainda que a maioria dos livros didáticos não atentam para um fato importante, que é a evolução histórica da Língua Portuguesa, sabe-se que o português tem sua origem no latim, então seria interessante que se tivesse um espaço para explicar o quadro das evoluções que ocorreram na transformação de uma língua para outra, pois ao tratar dos aspectos históricos da língua, serão esclarecidos pontos interessantes em relação a outras áreas principalmente a Fonética e Fonologia. Corroborando com essa ideia, autores como Coutinho (2011) e Mattos-Silva (2001), apontam mudanças em relação às modificações ocorridas nas consoantes, o autor mostra que as consoantes simples de acordo com a posição podem ser classificadas como iniciais, mediais e finais, assim ele destaca que com a passagem do latim para o português as consoantes iniciais não sofrem alteração, já as mediais na passagem para o português podem sofrer modificações .

Um aspecto interessante que a ser esclarecido ao se fazer um estudo diacrônico da fonética e fonologia diz respeito aos ditongos. Nesse sentido autores como Mattoso Câmara (1975) chamam a atenção para o fato de em latim basicamente não haver ditongos com exceção do ditongo decrescente *au*, e do ditongo crescente *qu*, por isso com a evolução na língua quando passam do Latim Clássico para o Latim Vulgar, e as línguas românicas, esses deram origem aos ditongos conhecidos no português atual.

Para um melhor entendimento dos conceitos fonéticos e fonológicos é de suma importância que os alunos aprendam, além dos aspectos relacionados a evolução histórica, o funcionamento da fala, ou seja, é necessário que eles compreendam como um som é produzido, quais órgãos estão sendo usados ao produzir determinado som, o ponto e modo de articulação e assim sucessivamente. Nessa perspectiva Duarte e Santos (2007) afirmam que, para que, se entenda mais claramente as variantes da língua é importante que se tenha domínio desses conhecimentos, assim o professor poderia trabalhar nas aulas de fonética e fonologia, de modo a fazer com os aprendizes entendam a diferença de uma variante para outra, e assim saber que determinada letra, por exemplo, o T seguido de I, em uma variante do português, vai ser pronunciado de forma diferenciada, de acordo com o ponto de articulação e corrente de ar que o falante produz ao pronunciá-la.

A fonética faz a descrição dos sons, levando em consideração posição da língua, cavidade nasal e cavidade bucal, assim como o fluxo da corrente de ar ao realizar determinados sons, o que geralmente não se encontra nos livros didáticos, na maioria das vezes o conteúdo traz apenas separação de sílabas, contagem de letras e assim por diante sem ter uma maior preocupação em esclarecer aos aprendizes outros aspectos como os colocados acima. Diante desse desprestígio a Fonética e Fonologia, tratada nos livros didáticos fica evidente que o professor é quem tem a tarefa de tentar suprir tal deficiência em relação ao ensino de Fonética e Fonologia no Ensino Básico, e muitas vezes ele não tem esse conhecimento.

Então alguns estudiosos estão desenvolvendo estudos que atentam para a importância dos conceitos fonéticos e fonológicos, como podemos ver abaixo, a importância desses estudos em análises e/ou estudos sobre a língua para ajudar a entender dentre outros aspectos fatores como a evolução histórica da língua (RODRIGUES, 2005), além de ajudar a compreender como as variedades regionais, os dialetos de outras comunidades falantes do mesmo idioma funcionam de maneira dinâmica por várias causas, sociais, culturais etc.

Podemos considerar que o estudo desses aspectos gramaticais são tratados também por autores ingleses como Halliday e McIntosh (1974) que deixam claro que os conhecimentos sobre fonética e fonologia são muito importantes em qualquer fase, ou seja, em qualquer nível de aprendizagem que os aprendizes sem encontrar, assim seria relevante que esses conhecimentos fossem passados para os alunos de modo mais adequado, começando com a descrição do aparelho fonador. Dessa forma, o primeiro passo a ser

adotado para que os alunos a compreendam o funcionamento da cadeia sonora da língua seria explanando de forma clara como os órgãos utilizados na produção dos sons funcionam, para que posteriormente o aluno passa compreender e identificar o ponto e modo de articulação de cada som. Por isso Silva (2013) diz que para compreendermos o mecanismo de produção da fala devemos ver uma descrição do aparelho fonador inicialmente.

Tais deficiências são bem evidentes na maioria dos livros didáticos, pois alguns até trazem exemplos de símbolos fonéticos, com transcrições dos sons que são representados ortograficamente por letras correspondentes a esses sons, porém isso é feito sem se explicar adequadamente as relações fonéticos e fonológicos como apontam Duarte e Santos (2007) em seu trabalho ao fazer uma análise de um livro do sexto ano.

É importante compreender que, de nada adiante os livros didáticos trazerem exercícios complexos de fonética e fonologia sem antes os alunos terem uma base histórica da língua para compreender esses conceitos, ou seja, não se pode querer que uma criança saiba identificar um som alveolar ou uma fricativa sem antes ensiná-la como funciona a cadeia sonora da fala, porque esses aspectos trazem muito da história evolutiva da língua, pois estamos diante de uma língua originada de outra, no caso a língua portuguesa que é originada do latim.

Levando-se em consideração essa abordagem inicial, entende-se que é muito importante que saibamos o quão significativos são os conceitos fonéticos e fonológicos para a aprendizagem dos alunos desde cedo. Certamente, o ensino adequado desses conceitos pode proporcionar aos educandos a vantagem de desmistificarem muitas de suas dúvidas relacionadas à fala e escrita, desvinculando práticas de uso errôneas do código linguístico. Ainda mais, essa reconfiguração do ensino de conceitos fonéticos e fonológicos, pode favorecer aos alunos a consciência de que a língua é influenciada por fatores vários, a exemplo do tempo, do espaço geográfico, do grupo social, etc., permitindo a esses a distinção entre “variante linguística” e “desvio gramatical”.

Neste sentido, faremos um estudo diacrônico da Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, apontando transformações que ocorreram no processo de formação da língua, apontando mudanças que ocorreram no processo de formação da língua em detrimento das transformações do Latim, analisando a sua repercussão no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Nesse estudo investigaremos até que ponto os livros didáticos que estão sendo usados no Ensino Básico, estão abordando os conteúdos de Fonética e Fonologia,

satisfatoriamente, identificando quais as lacunas existentes no tocante ao ensino desses conceitos, e traremos algumas abordagens teórico-metodológicas que propiciem a dinamização do ensino-aprendizagem dos conceitos fonéticos e fonológicos indispensáveis ao Ensino Básico.

A presente pesquisa tem embasamento no ensino de Fonética e Fonologia e pretende abordar a perspectiva histórica da Língua Portuguesa, no intuito de fazer estudos, que irão analisar materiais didáticos, especificamente duas coleções de livros didáticos: uma utilizada nas séries do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, e a outra utilizada nas series do 1º ao 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de Bonito de Santa Fé, sendo uma da rede municipal e a outra da rede estadual de ensino, adotadas no ano de 2015 pelas mesmas, buscando encontrar possíveis lacunas no que diz respeito ao ensino de Fonética e Fonologia nessas séries. A análise se dará a partir das coleções: **Vontade de Saber Português** – volumes 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, de autoria de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto e **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**, – volumes .I, II e III., de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara destinada às series do Ensino Médio.

Para tanto realizaremos uma apresentação da historia da língua e posteriormente uma análise de duas coleções de livros didáticos. Na parte inicial desse capítulo faremos a descrição dos aspectos morfológicos e sintáticos do latim clássico, para que a partir dessa descrição fosse mostrado como se sucederam as transformações que acabaram por dar origem ao latim vulgar, já na segunda parte traremos a descrição dos aspectos do latim vulgar, nessa descrição salientaremos como as modificações foram acontecendo e as distinções encontradas de uma variante em relação à outra.

No segundo capítulo falaremos sobre as diversas fases da língua portuguesa iniciando pelo galego-português, apresentando as modificações que ocorreram latim vulgar para o galego-português, passando pelo português arcaico apontando como estava o quadro da língua durante essa fase, em seguida apresentaremos o português clássico e na parte final trataremos do português contemporâneo.

No terceiro capítulo realizaremos uma análise dos livros didáticos adotados no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, no ano de 2015, nas Escolas Professor Monzart Rodrigues (escola municipal) e Monsenhor Morais (escola estadual), localizadas na cidade de Bonito de Santa Fé-PB. Faremos uma análise qualitativa dessas coleções na qual averiguaremos em cada um desses livros como são apresentadas (se são apresentadas) as

abordagens sobre Fonética e Fonologia: se de modo produtivo, descritivo ou tradicional; quais os métodos utilizados pelos autores para tratar desses conteúdos. E ainda se nesses conteúdos são apresentadas de alguma forma estudos das transformações que ocorreram ao longo da história na língua.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### CAPÍTULO I

#### DO LATIM CLÁSSICO AO LATIM VULGAR

O latim era a língua falada na Península Ibérica, durante o domínio do Império Romano. O latim era língua franca usada em todas as esferas do Império Romano, porém, com a passagem do tempo, a língua vai sofrendo transformações e assim acabam surgindo algumas variações no latim. Com isso passa-se a fazer uma distinção entre latim considerado língua oficial e uma variação da língua. Ao primeiro passou-se a denominar Latim Clássico, que era a língua falada pelos nobres, os eruditos e usada nos textos literários ou oficiais. Ao segundo dá-se o nome de Latim vulgar, língua falada pelas classes baixas do Império Romano (COUTINHO, 2011). Pode-se com isso concluir que, ao contrário do que se imagina, o Latim Clássico e o Latim Vulgar são faces de uma mesma língua.

A princípio, o que existia era simplesmente latim. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornaram cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua (COUTINHO, 2011.p.29.).

O Império Romano travava batalhas com povos diversos, que possuíam culturas e línguas diferentes das dos povos romanos, na conquista e domínio desses territórios. Quando os romanos venciam seus oponentes nas batalhas, iniciava-se um processo de colonização desses povos e muitos dos romanos imigravam para os novos territórios, e passavam a conviver conseqüentemente com os costumes e línguas dos povos que viviam nesses territórios. O latim ao entrar em contato com essas línguas vai sofrendo algumas alterações. Assim surgem as variações no latim, assim são criados os termos Latim Clássico e Latim Vulgar.

#### 1.1 LATIM CLÁSSICO

##### 1.1.1 Aspectos sintáticos e morfológicos.

O latim clássico possuía uma estrutura que é facilmente encontrada nos textos dos escritores latinos, como Cícero, na prosa. e Virgílio. na poesia, marcada pela elegância, apuro na escolha dos vocábulos e mais pela correção gramatical. Era uma língua bastante rígida e artificial, que durante muito tempo ficou indiferente às mudanças que naturalmente ocorrem com os povos (COUTINHO, 2011).

Uma característica marcante no latim clássico era a liberdade na estrutura sintática das orações, isto é, não se tinha a obrigação de constituir orações com o padrão fixo, (sujeito+verbo+complemento) o que se tinha eram desinências incorporadas às palavras e, essas desinências, ou seja, a terminação, é que indicava a função sintática de cada palavra dentro da oração, ficando assim desnecessária a obediência a uma forma fixa na construção frasal.

Uma das características mais conhecidas do Latim, a liberdade do sistema sintático, era consequência de um sistema morfológico com flexão de caso: a ordem das palavras era arbitrária porque a função da palavra na frase era indicada pela desinência casual. (CARDEIRA, 2006.p.23).

Com o que coloca Cardeira (2006), fica clara essa característica da língua. As mudanças desinenciais, ou flexões, dava-se o nome de casos nominais; assim existiam no latim clássico seis flexões de caso ou seis casos nominais, que tinham cada um, um nome específico, eram eles: o nominativo, o vocativo, o genitivo, o acusativo, o dativo e o ablativo. Para cada caso desses existia uma função que eles exerciam dentro da oração, e assim através da terminação ou flexão de caso é que se reconheceriam os elementos da oração, como o sujeito, a palavra que se apresentasse no nominativo. Por ter esse tipo de organização, o Latim Clássico é considerado uma língua sintética, como nos mostra Bagno (2007) “O latim clássico era uma língua *sintética*, isto é, exprimia as funções sintáticas das palavras por meio de desinências”. (BAGNO, 2007.p. 28).

Almeida (2000) esquematiza de um modo bastante claro essa relação existente entre caso nominal e função sintática exercida dentro da oração. Podemos observar que assim como os casos nominais que são seis, existem também seis funções sintáticas que poderão ser encontradas na oração. Assim cada, caso corresponde a uma função específica na oração: o nominativo: sujeito e predicativo; o vocativo: chamamento; o genitivo: adjunto adnominal restritivo; o acusativo: objeto direto; o dativo: objeto indireto; o ablativo: adjuntos adverbiais e o agente da passiva. A diferença entre esses casos se dá pela

terminação. Assim a palavra mantém o radical, mas modifica a desinência casual, é a chamada flexão de caso. Assim podemos concluir que em latim os nomes flexionam-se em gênero, número e caso.

Em Latim os nomes (substantivos, adjetivos) tinham terminações diferentes, por isso os substantivos distribuía-se em cinco grupos diferentes. A esses grupos dava-se o nome de declinações. As declinações eram nomeadas com números ordinais: 1ª declinação, 2ª declinação, 3ª declinação, 4ª declinação e 5ª declinação. O agrupamento dos nomes pertencentes a cada declinação vai ser definido pela terminação do caso genitivo singular. Vejamos o que diz Bagno (2007, p. 27):

No latim clássico, as palavras eram divididas, segundo a terminação, em cinco grandes classes, chamadas **declinações**. O que identificava uma declinação era a desinência que a palavra apresentava no caso genitivo (por isso, nos dicionários de latim, as palavras vêm sempre expressas no nominativo, seguidas da terminação do genitivo).

Assim podemos esquematizar da seguinte forma<sup>1</sup>:

Declinação	1ª declinação	2ª declinação	3ª declinação	4ª declinação	5ª declinação
Ter. genitivo	ae	i	is	us	ei

Quadro 1. Terminações das declinações.

Os nomes no latim clássico tinham três flexões de gênero, a saber, o masculino, o feminino e o neutro. Então existia certa predominância de determinadas gêneros em cada declinação. Vejamos: na 1ª declinação os nomes eram em sua maioria femininos, existindo apenas alguns nomes de gênero masculino, não existindo nenhum nome do gênero neutro nessa declinação. Faziam parte da 2ª declinação os nomes em sua maioria masculinos e neutros; na 3ª declinação encontram-se nomes de todos os gêneros; na 4ª declinação estão os nomes masculinos e femininos que terminam em *us*, e alguns nomes neutros que têm terminação *u*; na 5ª e última declinação, contém poucos nomes, e assim como na primeira

<sup>1</sup>Quadro adaptado de Almeida (2000).

declinação os nomes em sua maioria eram do gênero feminino, não existindo nomes do gênero neutro Almeida (2000).

Os adjetivos no latim clássico eram divididos em duas classes, assim temos adjetivo da 1ª classe e adjetivos da 2ª classe. Os adjetivos da 1ª classe são adjetivos que seguem as duas primeiras declinações. “Um adjetivo é da primeira classe quando segue as duas primeiras declinações ( o feminino segue a 1ª declinação; o masculino e o neutro seguem a 2ª)” (ALMEIDA, 2000.p. 95) . Ainda Bagno (2007) nos mostra que, os adjetivos da 1ª classe ajustam-se a cada um dos gêneros dos substantivos a que fazem referência. Os adjetivos da 2ª classe são os que as desinências para os três gêneros seguem o modelo dos nomes da terceira declinação, sendo ainda divididos em adjetivos triformes, biformes e uniformes.

Os adjetivos da 2ª seguiam a 3ª declinação dos substantivos. Podiam ser esses adjetivos triformes, isto é, possuir uma forma para o masculino, outra para o feminino, outra para o neutro: acer, acris, acre; biformes, isto é, ter duas formas, uma para o masculino e feminino, outra para o neutro: brevis, breve; uniformes, isto é, ter uma só forma para os três gêneros. (COUTINHO, 2011.p.231)

Quanto aos pronomes, em latim existiam seis tipos de pronomes: pronomes pessoais, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos, pronomes interrogativos e pronomes relativos. A declinação dos pronomes não segue um modelo específico isso se deve ao fato de os pronomes possuírem seu próprio quadro de declinação.

Os pronomes pessoais na primeira pessoa declinavam-se em cinco casos, pois não existe o caso vocativo para esses pronomes. Em latim os pronomes pessoais não tinham a divisão entre caso reto e caso oblíquo, isso era possível porque a função sintática era indicada pela terminação dos casos nominais. Assim, o caso nominativo dos pronomes pessoais equivale ao caso reto, e os casos genitivo, dativo, acusativo e ablativo, funcionam como o caso oblíquo. Observemos o quadro dos pronomes pessoais, que encontramos abaixo:

Pessoas	Casos	Singular		Plural	
1 <sup>a</sup> pessoa	Nom.	ego	eu	nos	nós
	Gen.	mei	de mim	nostri	de nós
	Dat.	mihi	a mim	nobis	a nós
	Ac.	me	me	nos	nos
	Abl.	( a ) me	por mim	( a ) nobis	por nós
2 <sup>a</sup> pessoa	N. V.	tu	tu	vos	vós
	Gen.	tui	de ti	vestri	de vós
	Dat.	tibi	a ti	vobis	a vós
	Ac.	te	te	vos	vos
	Abl.	( a ) te	por ti	( a ) vobis	por vós
3 <sup>a</sup> pessoa	Gen.	sui	de si	sui	de si
	Dat.	sibi	a si	sibi	a si
	Ac.	se (ou sese)	se	se ( ou sese)	se
	Abl.	( a ) se	por si	( a ) se	por si

Quadro adaptado de Comba (2003)

#### Quadro 2. Pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais, na terceira pessoa, tinham apenas função reflexiva, por isso não possuem a forma do nominativo, essa ausência de nominativo será suprida pelos pronomes demonstrativos.

A 3<sup>a</sup> pessoa se declina de igual maneira no singular e no plural; não possui nominativo, razão por que em latim se chama bicho sem cabeça. Não possui nominativo porque esse pronome é sempre reflexivo, isto é, exerce sempre a função de complemento que se refere ao sujeito da oração. Essa falta é suprida por meio de pronomes demonstrativos. (ALMEIDA, 2000.p.136).

Os pronomes possessivos seguem o modelo da declinação dos adjetivos de primeira classe, conforme Comba (2003). Além disso, Almeida (2000) acrescenta que os possessivos latinos são empregados apenas para reforço ou por uma necessidade de

clareza, sendo sempre pospostos aos substantivos. Os pronomes pessoais latinos são: 1ª pessoa: **ego**; 2ª pessoa: **tu**; 3ª pessoa: **sui**.

Pessoas	Masculino	Feminino	Neutro	Português
1ª pessoa do singular.	meus	mea	meum	meu
2ª pessoa do singular.	tuus	tua	tuum	teu
3ª pessoa do singular.	suus	sua	suum	seu
1ª pessoa do plural.	noster	nostra	nostrum	nosso
2ª pessoa do plural.	vester	vestra	vestrum	vosso
3ª pessoa do plural.	suus	sua	suum	seu

Quadro 3. Pronomes possessivos.

Em latim os pronomes demonstrativos declinam-se em cinco casos, não têm vocativo e apresentam as formas **hic, hac, hoc, iste, ista, istud, ille, illa, illud** ou **is, ea e id**, que em português, são: este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele aquela e aquilo respectivamente. As formas **hic** e **iste** são usadas indiferentemente para referir-se a um objeto que está presente ou próximo (ALMEIDA, 2000).

Além das formas já mencionadas temos as formas **idem, eadem e ibidem** (ele mesmo {este mesmo, um mesmo}, ela mesma {esta mesma, uma mesma}, isto mesmo, isso mesmo, aquilo mesmo) que são também demonstrativos latinos. Estes são usados para identificar dizer que é igual. Por fim temos os demonstrativos **ipse, ipsa e ipsum**, iguais a mesmo e próprio, essas formas são usadas como pronomes de reforço, ou seja, para reforçar algo (ALMEIDA, 2000).

Existiam três formas para o pronome relativo latino uma para o masculino, uma para o feminino e outra para o neutro (COUTINHO, 2011). O pronome relativo concorda em gênero e número com o seu antecedente, ou seja, com o termo a que se refere, e o caso depende da função sintática exercida por esse pronome na oração conforme Comba (2000). Assim temos os relativos que, o qual (**qui, quae, quod**).

Gênero/ Caso.	Singular			Plural		
	Masc.	Fem.	Neu.	Masc.	Fem.	Neu.
Nom.	qui	quae	quod	qui	quae	quae
Gen.	cuius (para os 3 gêneros)			quorum	quorum	quorum
Dat.	cui (para os 3 gêneros)			quibus (para os 3 gêneros)		
Ac.	quem	quam	quod	quos	quas	quae
Abl.	quo	qua	quo	quibus (para os 3 gêneros)		

Quadro 4. Pronomes relativos

De acordo com Almeida (2000), os pronomes interrogativos são: **quis** (quem) sendo este o principal interrogativo latino, e segue quase o mesmo paradigma de declinação do relativo **qui**, **uter** usado para fazer referência a dois indivíduos, significa qual dos dois, e possui três gêneros, a saber, masculino, feminino e neutro, apresentando ainda singular e plural, **qualis** (qual) é um interrogativo declina-se da mesma forma que os adjetivos de segunda classe (fortis). Para o interrogativo *quantos* existe em latim três formas que são elas, **quantus**, **quotus** e **quot**. As duas primeiras formas seguem o modelo de declinação dos adjetivos de 2ª classe, o último é indeclinável, vejamos a diferença quanto ao sentido e a forma de empregá-los; *quantus* é usado no sentido de: de que tamanho ou quão grande. Já *quotus* é usado com o significado de: em que número quanto empregado sempre em interrogações feitas no singular, por último significa quantos e é usado sempre no plural.

Por fim, sobre os pronomes latinos, falaremos um pouco dos pronomes indefinidos. Os indefinidos segundo Almeida (2000), podem ser divididos em quatro grupos:

- Os indefinidos derivados do relativo e dos interrogativos, são eles: **quicumque** ( qualquer ou todo homem que, seja quem for que, o que for que) segue o modelo de declinação do relativo **qui**, **qua**, **quad**, com terminação invariável, **qualiscumque** (de qualquer natureza que), **quantuscumque** (quão grande que seja), **quantululuscumque** (por menor que seja), **quotcumque** ou **quotquot** ( todos os que, quantos forem) estes indeclináveis, **utercumque** (qualquer dos dois que), **quisquis** (quem quer que) e **quidquid** (tudo o que, qualquer coisa que);

- Indefinidos derivados do interrogativo QUIS ou QUI: **aliquis** (algum) com variação em gênero, **aliquod** (alguém ou algo), segue o modelo da declinação do relativo, **quisque, quaque, quidque** (cada um, cada qual, cada), **unusquisque, unaquaque, unumquidque** (cada um, cada qual, cada) **quisquam, quaquam quidquam** (algum, alguém, seja quem for, quem quer que seja, ninguém), **quispiam, quapiam, quidpiam** ou **quodpiam** (alguém, algum, um), **quidam, quadam, quiddam** (certo, um, algum), **quivis, quavis, quidvis** (quem quer que queiras, quem quer que seja, seja quem for, qualquer, todo) **quilibet, qualibet, quidlibet** (quem aprovar, quem quer que seja, seja quem for, qualquer, todo);
- Indefinidos negativos: são os pronomes **nemo** e **nihil**, o primeiro empregado para pessoas, significa ninguém, o segundo é do gênero neutro e é empregado para coisas, significa nada, nenhuma coisa;
- Indefinidos que significam OUTRO: **alius, alia, aliud** (outro, outra, outro, respectivamente, usado quando se fala de vários); **alius, alia, aliud** (o outro, o restante) seguem o modelo da 4ª declinação não tendo o caso vocativo; **alter, altera, alterum** (outro) falando-se de dois; segue o modelo de declinação dos adjetivos de 1ª classe, assim como os que vem a seguir; **alteruter, alterutra, alterutrum** (um ou outro, um dos dois) pode-se declinar todos os elementos ou apenas o último ex.: **alterius utris** ou **alterutrius**; **uterque, utraque, utrumque** (um e outro); **neuter, neutra, neutrum** (nem um nem outro, nenhum dos dois).

Os numerais latinos basicamente dividem-se em cardinais e ordinais começaremos pelos cardinais Comba (2003) nos diz que se declinam os numerais cardinais de um a três, as centenas, com exceção de centum (cem) que é invariável, e as milhares exceto mille (mil) que é indeclinável, assim como os demais cardinais. O numeral um, em latim **unus, duos e ambu** flexionam-se em gênero, número e caso assim concordando com o substantivo a que se refere, segue o paradigma da declinação quase idêntico ao dos adjetivos de 1ª classe, diferindo apenas no genitivo e no dativo singular. O numeral tres segue o modelo da declinação do adjetivo acer, acris, acre.

A declinação das centenas exceto **centum** segue o modelo da declinação do plural de bônus, a, um, variando entre as terminações -um, que é mais frequente, ducentarum ou ducentum, esta última mais rara. Quanto as milhares é importante dizer que, apesar de mille ser indeclinável seu plural em latim é substantivo neutro milia, que é declinável (COMBA, 2003). Os ordinais latinos segundo Almeida (2000) todos os numerais ordinais,

com exceção de primus e secundus, originam-se de seus respectivos cardinais, e no que se refere à declinação são todos declináveis, e seguem o paradigma de declinação de regular como bônus, a, um. Após termos feito algumas colocações a cerca dos nomes no latim clássico passaremos agora a fazer algumas observações sobre os verbos.

### 1.1.2 Os verbos no Latim Clássico

Há no latim clássico um sistema verbal com quatro conjugações que eram identificadas pelas terminações do infinitivo presente que são: -are 1ª conjugação, -ere 2ª conjugação, -ere 3ª conjugação, -ire 4ª conjugação (COMBA, 2003). O sistema de conjugação dos verbos latinos é baseado na oposição entre tempos do *infectum* e tempos do *perfectum*, constituindo assim uma ideia não apenas temporal, mas aspectual.

Essa oposição não se fundamentava numa ideia estritamente temporal, mas sim **aspectual**: os tempos do **infectum** exprimiam a ação ou o processo em seu curso de duração (aspecto imperfeito), enquanto os tempos do **perfectum** indicavam uma ação ou um processo concluídos ou terminados (aspecto perfeito). (BAGNO,2007.p. 34)

De acordo com Comba (2003), os tempos em latim são seis: presente, pretérito imperfeito, futuro 1º (fut. do pres. simples), pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e o futuro 2º que é um futuro composto. Como o presente, o pretérito imperfeito e o futuro 1º são tempos de ação incompleta, estes são os chamados tempos do *infectum*, os demais tempos por possuírem ação concluída são chamados tempos do *perfectum*. O paradigma da conjugação dos verbos é dividido em conjugação ativa e conjugação passiva.

Almeida (2000) frisa que em latim temos quatro modos verbais, o indicativo (expressa uma ação real), o subjuntivo (aparecerá sempre subordinado a outro verbo), o imperativo (indica conselho, súplica, ordem) e o infinitivo (modo impessoal, isto é, não se flexiona para relatar a ação). Além dos modos verbais temos ainda as formas nominais, em latim são três as forma nominais, o particípio, que é dividido em três participípios: presente, passado, futuro, o gerúndio, que é declinável, e o supino, que é “uma forma especial do infinitivo, invariável para indicar finalidade” (ALMEIDA, 2000.p.206).

Comba (2003) salienta que os tempos na voz ativa em latim são divididos entre primitivos e derivados, são considerados tempos primitivos o infinitivo presente, o perfeito

do indicativo e supino. Da parte invariável dos tempos primitivos originam-se os tempos derivados. Do infinitivo presente formam-se: o presente, o imperfeito e o futuro 1º do indicativo (ativo e passivo); o presente e o imperfeito do subjuntivo (ativo e passivo); o presente e o futuro do imperativo (ativo e passivo); o próprio infinitivo presente (ativo e passivo); o particípio presente, o gerúndio e particípio futuro **passivo** (também chamado gerundivo). Ressalva-se que não existem tempos primitivos na voz passiva.

Do perfeito do indicativo originam-se: o próprio perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro 2º do indicativo ativo; o perfeito e o mais-que-perfeito do subjuntivo ativo; e o infinitivo perfeito ativo. O supino dá origem a: o supino passivo; o particípio perfeito e todos os tempos do particípio perfeito atrelados ao verbo esse; o infinitivo futuro passivo; o particípio futuro e o infinitivo futuro (ativo).

Ressalte-se que em latim havia verbos regulares, irregulares, defectivos, depoentes, semidepoentes e anômalos. São considerados verbos regulares no latim, os verbos que constam quatro radicais, um da 1ª pessoa do singular do infinitivo presente, um da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito, um do supino e um do infinitivo, observe o quadro abaixo, extraído de Almeida (2000):

	1ª conj.	2ª conj.	3ª conj.		4ª conj.
1º- 1ª pess. sing. do ind. pres. (*)- 2ª pess. sing. do ind. pres. 2º- 1ª pess. sing. do pret. perf. 3º- supino 4º- infinitive	am-o amas amav-i amat-um amare	del-eo deles delev-i delet-um delere	leg-o legis leg-i lect-um legere	cap-io capis cep-i capt-um capere	aud-io audis audiv-i audit-um audire

Quadro 5. Conjugações verbais no latim clássico.

A segunda pessoa do singular do indicativo presente é importante para que se identifique a vogal temática dos verbos em cada uma das conjugações, então temos vogais temáticas *a*, *e*, *i* ou *u* e *i* para a 1ª, a 2ª, a 3ª e a 4ª conjugações, respectivamente. Apesar disso existem verbos latinos na 3ª conjugação que não apresentam vogal temática, ou é idêntica à da 4ª conjugação, é o caso de *capere*, *capio*, *capis*.

Os verbos irregulares em latim são muito poucos, são considerados irregulares os verbos que possuem radicais diferentes nos tempos primitivos, ou ainda que apresentam divergências em certos tempos ou formas, especialmente no infinitivo, das terminações dos paradigmas. Os verbos denominados defectivos latinos, são os verbos que em sua conjugação podem ter a ausência de algum tempo, modo ou pessoa. São depoentes alguns

verbos que são conjugados na voz passiva, mas, mesmo estando na passiva têm significado ativo. Além dos depoentes temos ainda os verbos semidepoentes, que são os verbos que se apresentam como depoentes apenas no pretérito perfeito e nos tempos derivados do pretérito perfeito (ALMEIDA, 2000).

### 1.1.3 Aspectos fonéticos e fonológicos

No latim clássico as consoantes eram divididas em simples e geminadas. Veja o quadro das consoantes latinas abaixo:

Ponto de articulação/ Modo de articulação	Labiais		Anteriores		Posteriores		
	Simples	Geminadas	Simples	Geminadas	Simples	Geminadas	
Oclusivas	su.	p	-pp-	t	-tt-	k	-kk-
	so.	b	-bb-	d	-dd-	g	-gg-
Constritivas	su.	f	-ff-	s	-ss-	—	—
	so.	—	—	—	—	—	—
Nasais		m	-mm-	n	-nn-	—	—
Laterais		—	—	l	-ll-	—	—
Vibrantes		—	—	r	-rr-	—	—

Quadro 6. Consoantes latinas<sup>2</sup>

O latim é escrito basicamente com as mesmas letras do português, a pronúncia das letras em latim difere da pronúncia em português apenas em alguns casos, são pronunciadas da mesma forma que pronunciamos em português (ALMEIDA, 2000). Há poucos casos em que há uma diferença da pronúncia portuguesa, existindo três tipos de pronúncia: 1) Pronúncia romana; 2) Pronúncia tradicional; 3) Pronúncia reconstituída endossa Almeida (2000).

#### 1) Pronúncia romana:

Na pronúncia romana, Comba (2003) afirma que, os ditongos *oe*, *ae* tem som de *e*: *rosae* (*róse*), *poena* (*péna*), existe casos em que esses grupos vocálicos não formam ditongos, nesses casos é colocado um trema sobre o *e* ex.: *poëta* (*poeta*); o *c* antecedendo *i*

<sup>2</sup> Quadro extraído de Silva (2013)

e e tem som de *tch*: Cicero (*tchítchero*); o *ch* tem som de *k*: brachium (*brákium*); o *g* geralmente tem som de *dg*: genu (*dgénu*); o *gn* tem som de *nh*: agnus (*ánhus*); o *j* tem som de *i*: jurare (*iuráre*); o *ph* tem som de *f*: philosophus (*filósofus*); o *s* final tem som de *ss*: nos (*nóss*); o grupo *sc* seguido de *e* e *i* tem som de *ch*: descendit (*dechéndit*); a sílaba *ti* seguida de vogal tem som de *tsi*: patientia (*patsiéntsia*); a mesma sílaba no início de palavras, mesmo seguida de vogal, tem o mesmo som encontrado em português para essa sílaba, estando no início ou precedida pelas consoantes *s*, *x* ou *t*, e ainda quando o *i* é acentuado ex.: ostium (*óstium*); o grupo *th* tem som de *t* ex.: thesaurus (*tesáuros*); o *u* tem geralmente o som de *u* com trema ex.: anguis (*angüüs*); o *x* tem som *gz* quando é intervocálico e primeira vogal é *e*, em outros casos tem som *ks* ex.: examen (*egzámen*), uxor (*úksor*); o *y* tem som de *i* e o *z* tem som de *dz* ex.: lyra (*lira*), zelus (*dzélus*).

## 2) Pronúncia tradicional:

Na pronúncia tradicional os ditongos *ae* e *oe* tem som de *e* ex.: rosae (*róse*), poena (*pena*); sendo que quando esses encontros vocálicos não formam ditongos pode-se colocar um trema sobre o *e* ex.: poëta (*poeta*); os grupos *ch*, *ph*, e *th* têm os sons *k*, *f*, e *t*, respectivamente, ex.: brachium (*brákium*), philosophus (*filósofus*), thesaurus (*tesaurus*); a sílaba *ti*, antecedida por vogal, tem som de *ci* ex.: amicitia (*amicicia*), essa mesma sílaba estando no início de palavras ou antecedida das consoantes *s*, *x* e *t*, tem som igual ao que tem em português ex.: tiaras (*tiáras*), ostium (*óstium*), mixtio (*míctio*), Bruttium (*brúttium*); a vogal *u* tem geralmente um som como se estivesse com um trema ex.: quintus (*qüintus*), o *x* tem som de *ks* e o *y* tem som de *i* ex.: uxor (*úksor*), lyra (*lira*) (COMBA, 2003).

## 3) Pronúncia reconstituída:

Na pronúncia reconstituída o *x* terá sempre o som *k* ex.: lex (*leks*), os ditongos *ae* e *oe* são pronunciados com as vogais separadas ex.: lunae (*lunae*), o *c* tem sempre som de *k* ex.: Cicero (*kikero*), o *g* soa *ghe* ex.: ângelus (*anghelus*), o *h* é levemente aspirado, o *j* soa *i* como em Julio (*iúlio*), o *s* tem sempre som de *ss*, o *v* tem som *u* vita (*uíta*), o *y* pronuncia-se como o *u* francês, e o *z* soa *dz* como Zeus (*dzêus*) (ALMEIDA, 2000).

No tocante à tonicidade das palavras latinas, é importante ter em mente que em latim não existem palavras oxítonas, ou seja, a última sílaba das palavras nunca será acentuada, as palavras do latim serão acentuadas sempre na penúltima ou na antepenúltima sílaba, assim as palavras são sempre paroxítonas ou proparoxítonas, respectivamente. Todas as palavras do latim, com exceção de alguns lexemas que são átonos, possuem

acento tônico. O acento em latim não é grafado como no português, isto é, não existe acento gráfico no latim, então a tonicidade das palavras é marcada pela oposição de quantidade longa e breve das vogais<sup>3</sup>.

Em latim clássico, a atribuição de acento as palavras baseia-se na quantidade silábica, ou seja, no peso relativo das sílabas. A quantidade das sílabas é determinada pelo tempo despendido em sua pronúnciação, podendo ser elas longas ou breves (QUEDNAU, 2014.p. 209).

Assim o quadro das vogais no latim clássico é composto fonologicamente de dez vogais, cinco vogais longas e cinco breves, ou seja, os cinco grafemas latinos (a, e, i, o, u) corresponde a dez vogais no sistema fonológico, já que, cada um deles poderia ser realizado como longo ou breve conforme a duração (FONTE, 2010).

Vogais longas	ā	ē	ī	ō	ū
Vogais breves	ă	ĕ	ĭ	ŏ	ŭ

Quadro 7. Vogais no latim clássico.

A acentuação das sílabas se dá com base na penúltima sílaba, ou seja, a penúltima é a sílaba que indica onde cai o acento da palavra, então se penúltima sílaba é breve, o acento recua para a antepenúltima, a palavra será proparoxítona, quando a penúltima é longa o acento cai sobre ela mesma, palavra paroxítona (ALMEIDA, 2000). A quantidade das sílabas desempenhava um papel importante também no que se refere a algumas formas de flexão nominal, nos casos, e verbal. Na flexão de casos, encontramos alguns casos semelhantes em sua construção ortográfica, a quantidade da sílaba é que fará a distinção entre ambos, Rondini (2009) ressalva que a quantidade das vogais tem fundamental importância na distinção dos casos, nominativo e ablativo, em consonância com o que destaca Camara Jr (1975):

<sup>3</sup> No latim clássico o acento não aparece, em alguns textos por questões didáticas usa-se os sinais (˘) braquea para vogal breve, e (¯) macron para vogal longa.

No latim clássico, a quantidade tinha função distintiva: na flexão nominal e verbal, distinguíam-se, por exemplo, as desinências *-ā*, de ablativo, e *-ā*, de nominativo, para um mesmo nome, e, entre palavras, havia oposições como - *mālum* “maçã”: *malum* “mau”[...] (CAMARA JR, 1975p.40)

A vogal longa tem o dobro de tempo de uma vogal breve ao ser pronunciada. A quantidade da sílaba pode ser determinada por alguns princípios básicos que são a natureza, posição, composição, derivação e terminação.

Com base em Almeida (2000), sabemos que por natureza são longos ditongos e vogais derivadas de ditongos ex.: *aquus*, *iniquus*, *plaudo*. A palavra *pra* quando está seguida de vogal é exceção; as vogais resultantes de uma contração ex.: *cogo* (coago), *bubus* (bovibus) etc. As vogais resultantes de alongamento orgânico ou por compensação ex.: *egi* (particípio de ago), *pes* (de *pedis*), alongamentos orgânico e por compensação respectivamente; o *e* é longo quando corresponde a vogal grega *eta*; o *o* é longo quando corresponde a vogal grega *ômega*. São longas por posição: a vogal que vem antes de consoante dupla, vogal que antecede consoante geminada e a vogal que antecede duas consoantes. A vogal que antecede outra vogal ou grupo vocálico é por posição, com algumas exceções, breve.

Na composição, Almeida (2000) explica que, em geral, nas palavras compostas, com exceção de alguns vocábulos, os elementos que fazem parte dessa composição preservam a mesma quantidade, mesmo quando há alteração de vogais. Alguns casos especiais aparecem de acordo com a terminação do primeiro elemento como nos mostra Almeida (2000): será longa a vogal final deste elemento quando a terminação é em *a*, *o*; e será breve quando a terminação é em *e*, *i*, *u*; as vogais finais dos prefixos usados na composição na maioria das vezes são sempre longas. Com base na derivação a quantidade da sílaba das palavras derivada geralmente será igual a da palavra primitiva de que se derivou. Os sufixos têm vogal inicial longa quando *a*, *e*; e vogal inicial breve quando *i*, *o*, *u*. Pela terminação temos vogais finais breves quando são as vogais *a*, *e* em posição final, e vogais *i*, *o*, *u* longas quando são estas finais. As sílabas finais terminadas em consoante simples, com exceção de *s*, são sempre breves; são longas as sílabas finais em *as*, *es*, *os*; e breves as finais em *is*, *us*. Os monossílabos terminados em vogal são geralmente longos, os terminados em consoante são longos quando são substantivos ou quando terminados em *c* ou *n*, quando não se aplicam a essas regras são geralmente breves.

## 1.2 LATIM VULGAR

Embora o latim clássico e o latim vulgar fossem faces de uma mesma língua, encontramos muitas diferenças de uma modalidade em relação à outra. O latim clássico tinha em seu sistema morfológico a distribuição dos nomes em cinco declinações, no latim vulgar já não encontramos mais estas cinco declinações, o que temos são apenas três declinações. A redução das cinco declinações do latim clássico para três no latim vulgar se deve ao fato de ainda no latim clássico haver certa confusão com relação a substantivos da quinta declinação, que às vezes eram declinados também na primeira declinação ex.: *materies*, *ei*; *matéria*, *ae*, e os nomes da quarta declinação declinados na segunda declinação, ex.: *domus*, *us*; *domus*, *i* com isso no latim vulgar a maioria dos nomes da quinta declinação incorporaram-se a primeira declinação, ficando o restante para a terceira declinação, e pela semelhança existente entre as desinências casuais os nomes da quarta declinação foram parar na segunda declinação, posteriormente essas declinações reduzem-se a duas restando apenas a primeira e a segunda (COUTINHO, 2011).

Os casos nominais que eram seis no latim clássico resumem-se a dois no latim vulgar. Segundo Coutinho (2011) essa transformação ocorre devido à recorrência ao uso de preposições nas construções frasais para uma maior clareza, isso por que o latim vulgar, ao contrário do latim clássico que é uma língua sintética, tem uma tendência mais analítica; as preposições ajudavam na compreensão do sentido e ainda facilitavam a identificação da função sintática que o nome exercia na oração, além disso, a evolução fonética também ajudou nessa mudança do sintetismo para o analitismo, conforme explica Silva Neto (1979).

Para a distribuição do analitismo concorreu, de certo, a evolução fonética. Em primeiro lugar a perda da oposição quantitativa que, por si só, bastava, por exemplo, para distinguir o nom. (*rosa*) do ablativo (*rosa*). E depois a universal perda do *-m*, que acarretava a identidade do acusativo com os outros casos (por ex.: *rosa(m)* ficava igual ao nom-voc. E ao ablativo). (SILVA NETO, 1979.p.226)

Com o uso recorrente das preposições, os casos acabam se tornando desnecessários, restando apenas o nominativo (sujeito) e o acusativo (objeto). Outro fator que contribuiu para a redução dos casos foi à evolução fonética. Ilari (2006) endossa que a queda do *-m*

final e transformação do u breve em o, fez com que o ablativo e o acusativo se confundissem, o resultado dessa confusão foi à fusão desses dois casos.

A redução das declinações de cinco para três fez com que surgisse uma tendência a interpretar os nomes da 1ª declinação como femininos, os da 2ª como masculinos, surgindo assim o paradigma de distinção de gêneros masculino/feminino utilizado até hoje nas línguas românicas (gato/gata, cachorro/cachorra) e a 3ª declinação que era composta de nomes masculinos, femininos e neutros, “permaneceu como uma classe de nomes com tema em –e, cujo gênero não podia ser inferido pela terminação” (ILARI, 2006. p. 92).

Ao gênero neutro pertenciam apenas os nomes de seres inanimados, mas, ainda no latim clássico, havia confusões no uso de palavras desse gênero confundindo-se com o gênero masculino em alguns casos nominais (o nominativo, vocativo e acusativo). Outros fatores contribuíram para que essa categoria de gênero desaparecesse. Um deles é de ordem fonética, que é o enfraquecimento ou perda do –s e –m nos finais das palavras no latim vulgar. Com a queda do –m e –s finais, não se teve mais como diferenciar palavras de gênero neutro como templu(m) e algumas palavras masculinas como hortu(s). Na terceira declinação os nomes neutros passam a ser masculinos. Com o apagamento do traço distintivo por parte da fonética, e outro por parte da analogia o gênero neutro acaba sendo completamente absorvido pelo masculino (COUTINHO, 2011).

No que diz respeito aos adjetivos no latim vulgar, com o desaparecimento do neutro, os adjetivos da 1ª declinação, que tinham antes os três gêneros (masculino, feminino e neutro) passam a ter duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos de 2ª classe passam a ter uma única forma. Outra alteração sofrida é referente à flexão do grau dos adjetivos. No latim clássico a flexão de grau comparativo e superlativo dos adjetivos acontecia de maneira sintética, ou seja, se dava apenas pelo acréscimo de sufixos, no latim vulgar essa flexão passa a ser analítica.

No tocante aos chamados ‘graus do adjetivo’, a principal inovação foi o abandono dos processos sintéticos (normal altus, comparativo altior, superlativo altissimus) que foram substituídos por perífrases com *magis* ou *plus* para o comparativo e *multum* para o superlativo. (ILARI,2006.p.93).

Os pronomes também passaram por suas transformações uma delas é o surgimento do pronome pessoal de 3ª pessoa, este se originou do demonstrativo ille. Os pronomes

demonstrativos no latim clássico, como já sabemos, apresenta a forma *hic* 1ª, *iste* 2ª e *ille* 3ª pessoa, no latim vulgar ocorre certa confusão no uso desses pronomes, usando-se uma forma no lugar de outra, dessa forma *iste* demonstrativo da 2ª pessoa passa a ser usado no lugar *hic* da 1ª pessoa que, com o tempo desaparece e *iste* é reinterpretado como demonstrativo de 1ª pessoa, com isso o indefinido de realce *ipse* deixa de ser indefinido de realce passando a ser demonstrativo de 2ª pessoa e *ille* permanece como demonstrativo de 3ª pessoa, saliente-se que no latim vulgar surge com frequência o uso de partículas de reforço, **accu** e **eccu**, antes dos demonstrativos. Os possessivos sofrem alterações de forma, por exemplo, **voster** passa a ser **vester**, e, além disso, surgem os possessivos de 3ª pessoa do plural **illorum** e **suus**. Os pronomes relativos no latim vulgar conserva a forma **qui**, com redução de uma declinação, e que consuma na língua vulgar a identificação com o interrogativo *quis*. Para finalizar o esboço das transformações dos pronomes do latim clássico para o vulgar, nos indefinidos tem uma redução nas suas formas, isto é, alguns indefinidos desaparecem no latim vulgar; a maioria dos compostos de *quis* desaparece, as formas **uter** e seus compostos, **nemo**, **nihil**, **omnis**, **tot** e **quot** dentre outros também desaparecem. Para compensar essas perdas surgem novas formas pronominais ou algumas formas já existentes passam a exercer funções que antes eram exercidas por esses pronomes (ILARI. 2006).

Uma nova classe de palavra surge no latim vulgar, é a classe dos artigos, classe esta que na fase clássica não existe. Os artigos definidos originam-se do demonstrativo de 3ª pessoa *ille*, que inicialmente é usado com essa mesma forma, mas com valor de artigo em algumas construções, os artigos indefinidos foram originados do numeral cardinal *unus* (COUTINHO, 2011).

Quanto aos verbos, no latim vulgar passaram a ter apenas três conjugações, isso se deve ao fato de na língua vulgar haver contradição nas conjugações ocorrendo algumas transformações. O que aconteceu foi que a segunda e terceira conjugações do latim clássico, no latim vulgar acabam se fundindo formando apenas uma conjugação, que é a segunda conjugação, existente até a fase atual do português. Coutinho (2011) afirma que ainda na língua clássica existe uma confusão entre a segunda e a terceira conjugações, pois havia verbos que ora eram conjugados como se fosse da segunda conjugação, ora eram conjugados como sendo da terceira. Com fusão da segunda e terceira conjugação, tornando-se apenas segunda conjugação a quarta conjugação latina passa a ser a terceira conjugação, por fim a primeira conjugação é a que menos sofreu alterações.

O quadro de tempos verbais no latim vulgar também foi reduzido, no latim clássico o indicativo era composto de seis tempos, desses tempos na fase vulgar restaram apenas o presente, o imperfeito e o perfeito. O futuro desapareceu quase que por completo, restando alguns vestígios irrelevantes desse tempo. O que ocorre é que na fase vulgar a formação de futuro sintético, encontrada na fase clássica, deu lugar a uma forma analítica formada como o uso dos auxiliares **habeo** e **volo** mais o infinitivo dos verbos, esses auxiliares variavam em pessoa e número, os demais tempos desapareceram por completo. Dos tempos do subjuntivo, apenas o presente permaneceu, o perfeito desapareceu completamente; o imperfeito e o mais-que-perfeito, com a o desaparecimento da oposição de aspecto existente na língua clássica, confundiram-se prevalecendo à forma do mais-que-perfeito. No imperativo as formas de futuro pouco usadas no latim clássico, no latim vulgar nem chegam a aparecer (ILARI, 2006).

Outra transformação que ocorreu foi no tocante a oposição de aspecto, na língua clássica os tempos eram divididos entre tempos do *infectum* e *perfectum*, marcando assim o contraste existente entre tempos primitivos e derivados. Na língua vulgar essa distinção foi perdida, com isso os tempos que restaram foram reinterpretados passando a designar a localização de ações no tempo, ou seja, passam a definir as relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade entre o momento da fala, o momento da ação e um terceiro momento (ILARI, 2006).

Coutinho (2011) aponta que na fonética o latim vulgar sofreu diversas modificações em relação ao latim clássico, começando pela redução de ditongos e hiatos a vogais simples, muitas palavras que continham em sua composição ditongos ou hiatos no latim clássico, no latim vulgar sofrem a redução desses ditongos e hiatos, sendo eles transformados em vogais simples, exemplos *aurum* por *orum*, *praeda* por *preda*, *duodecim* por *dodece* etc. surgem algumas transformações e quedas de fonemas, por exemplo palavras como **iustitia**, **coquere**, **pauor**, **rius** transformam-se em **justicia**, **cocere**, **paor** e **rius**, respectivamente. Os sons finais das palavras acabam por sofrerem uma queda, **amat** por **ama**, **ast** por **es**, **bibere** por **biber**. A aspiração do *h* desaparece na fase vulgar, **homo**>**omo**, **habere**>**abere**, ocorre a queda do *-n* nos grupos **ns** e **nf** **ansa**>**asa**, **inferi**>**iferi**. As vogais *e* e *i* tendem a confundir-se principalmente em hiatos **fames**>**famis**, **lilium**>**lileum**. E ainda ocorre um processo de assimilação das palavras; **ipse**>**isse**, **persicum**>**pessicum**, além do surgimento de uma prótese de um *i* em palavras com iniciais

em st, sp, sc; palavras como **stare, spirittus, scribere** tornam-se **istare, ispirittus e iscribere**, respectivamente.

Uma das mudanças que ocorreram foi no que se refere à tonicidade das palavras, no latim vulgar à oposição entre vogais longas e breves confunde-se e acaba por desaparecer. Outra transformação que ocorreu foi em relação às palavras proparoxítonas, o latim vulgar tende a evitar as proparoxítonas transformando-as em paroxítonas. Em alguns casos o acento das palavras é mudado para sílaba posterior; cáthedra por cathédra, íntegrum por intégrum Coutinho (2011).

Com tantas mudanças alguns gramáticos passam a produzir textos de normatização da língua, é caso do texto Appendix Probi que foi produzido na intenção de fazer a correção na pronúncia e escrita de algumas palavras. O texto é de autoria anônima, e acaba dando uma contribuição significativa para o estudo das transformações fonéticas e morfológicas no latim vulgar. Esse documento ilustra algumas das transformações ocorridas nas palavras, como a tendência a desfazer palavras paroxítonas; exemplos: masculus non masclus, iugulus non iuglus, baculus non vaclus, angulus non anglus, a queda do -m no final das palavras, passim non passi, olim non oli; a queda da consoante final t, periat non peria, valiat non valia; a tendência a transformar hiatos em ditongos caveanon cavia, valeat non valiat etc.

Apesar de o latim clássico ser a língua literária ou língua oficial, e o latim vulgar ser considerado uma variação daquele, podemos encontrar textos escritos em latim vulgar, principalmente os textos escritos no período da decadência romana, quando os escritores não estavam preocupados em seguir as regras de gramática e de estilo, procurando escrever de forma simples, esses textos eram frequentemente escritos por escritores cristãos.

Texto:

Te rogo que inferna'les parte tenes, comendo tibi Iulia Faustilla, Marii filia, ut eam celerius abduceas et ibi in numerum tu abias.<sup>4</sup>

Tradução:

A ti, que dominas as regiões infernais, peço e encomendo Julia Faustila, filha de Mário, para que a leves mais rapidamente e a conserves aí no número (dos mortos).

---

<sup>4</sup> Texto extraído da obra Gramática Histórica da língua Portuguesa, Coutinho (2011).

## CAPÍTULO II

### DOS PRIMEIROS INDÍCIOS DO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

No período que vem após as invasões mulçumanas (711), na Península Ibérica, surgem as inovações que resultam no isolamento dos dialetos do Noroeste da Península, ficando esses falares distantes dos falares do Leste (leonês e castelhano) e dos dialetos usados ao Sul (moçárabes). A consequência desse isolamento é o aparecimento do galego-português nos séculos IX a XII, mas é somente no século XIII que os primeiros textos redigidos em galego-português vão ser encontrados. Do século XV em diante devido a diversos acontecimentos históricos o galego-português dar lugar ao português (TEYSSIER, 1994). Assim passaremos a abordagem desses períodos da história da língua.

#### 2.1 O GALEGO-PORTUGUÊS

O galego-português era uma língua de ortografia baseada na fonética, tendo em ocasiões raras palavras escritas de cunho etimológico, encontradas em textos de alguns escribas da época. Durante esse período os livros, devido à censura eclesiástica, tinham um número bem reduzido de exemplares, por isso faziam-se muitas cópias manuscritas, e às vezes recorriam-se ao recurso do ditado, que poderia ser feito para vários copistas ao mesmo tempo. Em consequência dessa prática, muitas vezes esses copistas cometiam erros de escrita e multiplicavam a grafia, na tentativa de fazer a representação fonética dos sons, os no processo de cópia eles podiam ainda grafar o mesmo som de diversas formas, bem como utilizar de uma mesma forma para grafar sons diferentes, sendo possível encontrarmos variações de forma da mesma palavra em único texto (HAUY, 2008).

O alfabeto do galego-português constitui algumas inovações em relação ao latim vulgar. Hauy (2008) afirma que no galego-português, há uma tendência a utilizar apenas letras, com exceção das geminadas *ss* e *rr*, e do *k* simples que não são usadas na época. No galego-português as letras inúteis tendem a desaparecer, com exceção dos dígrafos *qu* e *gu*, desaparecendo as geminadas e o *h*, embora seja possível encontrar alguns textos dessa fase com a presença do *h* em sílaba inicial e média bem como grafia de algumas geminadas. Silva Neto (1979) destaca que no manuscrito do Cancioneiro da Ajuda, texto do século XIV, não é encontrado nenhuma das grafias *mn*, *gr*, *pt*, *ct*, *cç*, *ph*, *th*, *rh*. O autor ressalta

que, por ser uma grafia fonética, buscava-se fazer a escrita o mais próximo possível da pronúncia das palavras, não havendo confusões entre os sinais *s* e *z*, *ss* e *ç*, *ch* e *x*, *s* e *ss*.

Houve certa indistinção no uso das vogais e semivogais *i-u*, e das consoantes *j-v*; o *y* é empregado de modo confuso, ora aparecendo com o valor de vogal, ora com o valor de semivogal; o *nh* é trocado por *nn*. Outra transformação que ocorre é a sonorização do *t*, sendo abrandado em *d*; em decorrência da queda do *n* intervocálico, é procurado uma forma de registrar a nasalização da vogal anterior, surge assim o sinal diacrítico (~), que se estende aos demais casos de nasalização de vogais.

O til (~), sinal de abreviação, serve frequentemente para indicar a nasalidade das vogais, que pode vir também representada por uma consoante nasal; ex.: *razõ*, *razom* ou *razon* (TEYSSIER, 1994.p.22).

De acordo com Teyssier (1994) acento tônico no galego-português podia recair na última, na penúltima e às vezes na antepenúltima sílaba, esta última posição acontecia raramente. Havia no galego-português uma tendência a evitar as proparoxítonas. Haury (2008) ressalta que as poucas proparoxítonas que existiam, eram de origem grega e acabam se transformando em paroxítonas, exemplo *clericu* (latim) transforma-se em *crelgo* (galego-português). As vogais constituam dois grupos, vogais tônicas e vogais átonas, segundo Teyssier (1994) o primeiro grupo é mais numeroso que o segundo, sendo subdividido em átonas finais e átonas não finais ou pretônicas, as vogais tônicas no galego-português são / i / *amigo*, *aqui*, / e / *verde*, *vez*, / e / *pede*, *dez*, / a / *mar*, *levado*, / o / *pós*, *porta*, / o / *pôs*, *boca*, / u / *tu*, *alhur*. As átonas finais são / i /, encontrada nas formas imperativas nos textos mais antigos, *vendi*, *parti*, nas primeiras pessoas do singular forte, *estivi*, *pudi*, e nas segundas pessoas do singular de todos os perfeitos *contasti*, *partisti*, posteriormente, no início do século XIV essas formas adotam um *e* final transformando-se em *vende*, *parte*, *estive*, *pude*, *contaste*, *partiste* dessa forma os fonemas finais reduzem-se a três passando a serem representados por *-a*, *-e*, *-o*. . Salienta-se que nos textos mais antigos é possível encontrarmos algumas palavras em que o *o* é trocado por *u*, isso seria, como alguns estudiosos acreditam, um indício de que já naquela época o galego-português pronuncia em [u] os átonos finais que atualmente são escritos com *-o*. No entanto, há outros estudiosos acreditam que esse fenômeno pode ser considerado um latinismo ou forma de traduzir os sons mais fechados de *-o* final. Em posição átona não final, ou seja, pretônica desaparece as oposições / e / e / e /, / o / e / o / reduzindo o sistema aos cinco

fonemas / i /, / e /, / a /, / o /, / u /. Ex.: *quitar, pecar, trager, conhecer, burlar* (TEYSSIER, 1994). Os ditongos existentes no galego-português são divididos em dois grupos, os que têm timbre final em *i* e os que têm timbre final em *u*, dessa forma no primeiro grupo encontramos os ditongos *ei, ai, oi* e *ui*, e no segundo grupo *iu, eu, au* e *ou*. Ex.: *primeiro, mais, coita, fruto, partiu, vendeu, cativo, cousa*. Teyssier (1994) enfatiza que o *e* e o *o* iniciais nos ditongos tem uma pronuncia fechada.

Na passagem do latim vulgar para o galego-português os grupos iniciais *pl-*, *cl-* e *fl-* sofrem transformações dando origem a *-ch* correspondente a constrictiva / t̄s / ex.: *planu>chão, clamare>chamar, flagrare>cheirar*, ressalva-se que em um grupo de palavras menos populares os grupos iniciais *pl-*, *cl-*, *fl-* deram origem no galego-português a *pr-*, *cr-* e *fr-*, ex.: *placere>prazer, clavu>cravo, flaccu>fraco* (TEYSSIER, 1994).

O sistema consonantal do galego-português pode ser reconstituído como vemos no quadro a seguir<sup>5</sup>:

	Labiais	Dentais-alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas:				
Surdas	/ p /	/ t /		/ k /
Sonoras	/ b /	/ d /		/ g /
Constrictivas:	/ f /	/ ts /      / s /	/ t̄s /      / s̄ /	
Surdas	/ v /	/ dz /      / z /	/(d)z̄/	
Sonoras				
Nasais	/ m /	/ n /	/ nh /	
Laterais		/ l /	/ lh /	/ ł /
Vibrantes:				
Branda	/ r /			
Forte	/ r̄ /			
Semivogais			/ y /	/ w /

Quadro 8. Consoantes do galego-português.

Os sons / b / e / v / eram fonemas distintos conforma explica Teyssier (1994). Sendo assim são encontradas palavras regularmente escritas com *b*; *cabo, ben* ; com *v*; *valer, vida* etc. existindo alguns casos em que esses dois sons se confundem na escrita, mas essa ocorrência é mínima. As constrictivas dentais-alveolares (sibilantes) e as palatais (chiantes) diferem das do português atual, no galego-português havia um par de fricativas,

<sup>5</sup> Quadro adaptado de Teyssier (1994)

(a ts surda e dz sonora), bem diferente as existentes atualmente (s e z). Exemplos de Teyssier (1994), ts- cen, dz- cozer no galego-português, s-cen, z-coser no português atual. Quanto às africadas e as simples não, ocorre no galego-português nenhuma confusão entre elas, somente no português contemporâneo é que surge essa confusão; em relação às palatais verificou-se haver uma distinção entre a africada /t̪s̪/, que representada por *ch*, e a simples /s̪/, representada *x*, atualmente essas duas grafias podem representar o mesmo som em alguns casos, por exemplo, chuva e xícara. No galego-português uma sonora correspondia a essas duas surdas, representada por /*(d)z̪*/, ex.: tagrer. Teyssier (1994) destaca que inicialmente esse fonema era a africada /*d̪z̪*/, e que após perde seu elemento oclusivo inicial e torna-se /*z̪*/, não sendo possível saber o momento exato dessa ocorrência, se ainda na fase do galego-português ou posteriormente.

A nasalização das vogais (a, e, i, o, u) ocorre com uso de uma consoante nasal implosiva, o que significa dizer que essa consoante é seguida de outra, ex.: pinto, sente, campo, longo, mundo; ou por uma consoante nasal no final das palavras, ex.: fim, quen, pan, caron, comun; em sílaba final podíamos encontrar en- senten, an- venderan (mais-que-perfeito) e on- venderon (perfeito), durante muito a grafia mais usada em sílaba final nasal era *n*, mas a partir do galego-português medieval dar-se início ao aparecimento da grafia *m* em sílaba final passando assim palavras como quen, cantan a quem, cantam (TEYSSIER, 1994).

Na passagem do latim vulgar para o galego-português ocorre a queda de algumas consoantes intervocálicas. Da queda do *l* intervocálico resultou grande parte das palavras e contribuiu para a criação de muitos hiatos no galego-português, ex.: salire>sai, palatiu>paaço (paço), dolore>door (dor), com essa transformação surgem os plurais das palavras terminadas em *l* no singular, ex.: sol plural soes atualmente sóis. Saliente-se que na maior parte das palavras de origem semi-erudita ou erudita conservou-se o *l* intervocálico ex.: escola, astrologia exemplos encontrados em (TEYSSIER, 1994).

A queda do *n* intervocálico acontece de forma gradativa, isto é, inicialmente em algumas palavras ocorre a nasalização da vogal precedente ao *n*, e posteriormente houve a queda do *n*, exemplos: **corona>corõa, vinu>vĩo, manu>mão, bonu>bõo etc.** O encontro das duas vogais (a nasal e a seguinte) pertenciam a duas sílabas distintas, pronunciadas separadamente constituindo assim hiatos: **corõ-a, vĩ-o, mã-o, bõ-o.** A natureza desses grupos consonantais é instável e posteriormente a maioria deles será eliminada pela língua. Ainda nos textos medievais, é possível encontrar ocorrências de transformações que

levaram a esta eliminação. São exemplo disso as palavras **pinho** por **pño**, **alhẽo** por **alheo**, no primeiro caso ocorre o desdobramento do *ĩ* em uma consoante nasal, já no segundo caso o que ocorre é a desnasalização da vogal, esta desnasalização da vogal veio contribuir para o aumento de palavras contendo hiatos. Os encontros vocálicos em hiato no Galego-português são resultado da queda de consoantes intervocálicas; queda do *g* *magister*>*meestre*>*maestre*, *lgere*>*leer*; queda do *d*- *credere*>*creer*, além da que do *l* intervocálico já mencionado antes (TEYSSIER, 1994).

Na morfologia e na sintaxe processaram-se as seguintes transformações: a declinação nominal é simplificada e depois desaparece, restando apenas duas formas, vindas do acusativo latino, uma para o singular e outra para o plural. As funções sintáticas antes eram expressas pelo sistema de desinências casuais passam a ser expressas pelo uso de preposições ou pela colocação das palavras nas frases (FURLAN, 2011).

Algumas das mudanças morfológicas resultaram de transformações ocorridas no sistema fonético e fonológico da língua. Com o desaparecimento do *l* e do *n* intervocálico, ocorreram dois processos importantes na morfologia dos nomes (substantivos e adjetivos); da queda do *l*, como já mencionado acima, as palavras terminadas em *l* mantem o *l* no singular, mas no plural esse *l* é suprimido, ex.: *sinal-sinaes*, *cruel-cruées*; da que do *n* resulta o aparecimento dos nomes terminados em *ão*, *an* e *on*. O que ocorre é que, as palavras antes terminada em *anus*, *anis*, *onis*, passam a ter duas formas, vindas do acusativo, uma singular e outra plural, ex.: *manus*: *mão*> *mãos*; *canis*: *cão*>*cães*; *leonis*: *leão*>*leões* (TEYSSIER, 1994).

Quanto aos pronomes, Teyssier (1994) assinala que os possessivos tinham os masculinos *meu*, *teu* e *seu*, enquanto que o feminino era dividido em formas átonas e tônicas, as formas tônicas dos possessivos femininos correspondem *mia*, *mĩa*, *minha*, *tua* e *sua*, as formas átonas corresponde *mia*, *mha*, *ma*, *ta* e *as*. Nos demonstrativos, Silva Neto (1979) aponta que o sistema de pronomes demonstrativos do galego-português era bem mais rico em formas que o português atual, existia as formas *este*, *aqueste* (*eccu iste*), *esta*, *aquesta* (*eccu ista*), *esse*, *aquesse* (*accu ipse*), *essa*, *aquessa* (*accu ipsa*), *aquele* (*accu ille*), *aquela* (*accu illa*), usadas como pronomes adjetivos e as formas neutras *esto* (*istud*), *aquesto*, *aquisto* (*accu istud*), *esso* (*ipsud*), *aquesso* (*accu ipsud*), *elo* (*illud*), *aquelo* (*accu illud*). Com relação aos pronomes pessoais Silva Neto (1979) ressalta que a forma *bliqua che*=*te* encontrada no galego-português resulta da evolução de *cho*<*ti* dativo no latim.

Os artigos definidos que são oriundos do demonstrativo *ille*, mas precisamente do acusativo masculino e feminino desse demonstrativo, ainda nos primeiros documentos da língua assumem as formas *o, a, os, as, lo, la, los, las* e *ilo, ila, ilos, ilas* (HAUY, 2008).

Ainda de acordo com Hauty (2008) as formas *lo, la, los* e *las* frequentemente juntavam-se a *por, sobre, todos* e *ambos*, passando assim *polo, sobelo* ou *sobolo, todolos* e *ambolos*. Os artigos indefinidos oriundos do cardinal (*unum, unam*) sofre uma transformação tornando-se *ũu, ãa*.

O paradigma dos tempos verbais desde então é o mesmo encontrado no português moderno, segundo Teyssier (1994), contendo um *mais-que-perfeito* simples vindo do latim, ex.: *amara<amaram<amaueram*; que é empregado no sentido temporal ou modal, “*tinha amado*” ou “*amaria*”, respectivamente, e um futuro do subjuntivo; ex.: *amar, fazer*.

Passaremos a seguir a fazer algumas observações sobre as características do português arcaico.

## 2.2 O PORTUGUÊS ARCAICO

O português arcaico apresenta muitas transformações no seu sistema fonético e fonológico em relação sistema do galego-português, bem como no sistema morfológico também. Paiva (2008) destaca que os hiatos, muito numerosos desde o galego-português, resultantes da queda de algumas consoantes intervocálicas, passam por transformações e acabam desaparecendo. Em alguns casos em que uma das vogais era nasal, surgiu um novo fonema entre as duas vogais, resultando de palavras como *võ, galã, vizõ* em *vinho, galinha, vizinho*, respectivamente. Em outros o hiato permaneceu por mais tempo posteriormente transformando-se é o caso de *hũu, hũa* resultando em *um, uma*. Houve ainda casos em que a vogal perdeu a nasalidade *lũa>lua*, tornando-se ditongos.

Há ainda casos em que as vogais sendo idênticas fundem-se pelo fenômeno da crase transformando-se em vogal simples ex.: *póo>pó, preegar>pregar*. Corroborando com essa afirmação Silva (2013) ressalta que em palavras como *máa, paaço, perigoo, vontade, crúu*, no português arcaico operou o fenômeno da crase fazendo assim a fusão dessas vogais.

Com a evolução do latim para o português, as vogais simples alternam-se constantemente, dessa forma encontramos em muitas palavras, *a* por *e* ou *e* por *a* ex.: *piadade* (*piidade*), *rezam* (*razão*); e por *i* ou *i* por *e* ex.: *sesudo* (*sisudo*), *openyam*

(opinião), melhor (melhor); *a* por *o* ex.: acupar (ocupar); *e* por *o* ex.: preposito (propósito); opor *u* e *u* por *e* ex.: soma (suma), sojeyto (sujeito). Igualmente há alternância entre *an* e *en* ou *en* e *an* ex.: antre (entre), emparar (amparar) (PAIVA, 2008).

Segundo Paiva (2008), os ditongos *au* e *ui* resultante da vocalização de *c*, *l* e *p* latinos mantem-se no português arcaico ex.: *luita*<*lucta* (luta), *bautizado*<*baptizare* (batizar), *cuytelo*<*cultellu* (cutelo). Posteriormente na fase renascentista essas construções retornam à escrita. Silva (2013) ressalva que durante a fase arcaica, e mesmo após essa fase, é registrado no português a variação de vogais e ditongos originados de palavras latinas que tiveram consoantes vocalizadas. Em algumas palavras, verifica-se a ocorrência da ditongação de vogais simples ex.: *sexto*>*seysto*, *água*>*algo* ou *auga*, em contrapartida registra-se a monotongação de alguns ditongos que existiam em algumas palavras ex.: *baxo*, *embaxada*, *odiança*. Os hiatos *eo* e *ea*, na segunda metade do século XVI, transformam-se em ditongos (PAIVA, 2008).

Nas consoantes no português arcaico, Silva Neto (1979) afirma que até a primeira metade do século XVI a pronúncia *s-*, *ss-* (*s* surdo) e *ç*, *s-* (*s* sonoro) e *z* distinguiam-se, não havendo nenhuma confusão entre palavras que continham esses grafemas, ex.: *paço*<*palatiu* e *passo*<*passu*, *cozer*>*cocere*, *por coquere* e *coser*>*consuere*. Paiva (2008) nos diz que:

Tratando-se de consoantes, há um fenômeno fonético e fonológico que influi diretamente na ortografia das palavras. Entre as consoantes sibilantes havia distinção na pronúncia de *s* intervocálico e *z*, *ss* e *ç*, *ch* e *x*. Assim, entre *cozer* e *coser* havia diferença de pronúncia visto que *z* soaria / *dz* /; entre *passo* e *paço*, em que *ç* soaria / *ts* /; entre *chaga*, em que o *ch* soaria / *tch* /, e *luxo*, em o *x* equivale a / *ch* / (PAIVA, 2008.p. 177).

A partir da segunda metade do século XVI, com a perda do elemento oclusivo inicial dos fonemas / *dz* / e / *ts* /, representados por *z* e *ç*, começa a haver confusão entre os fonemas, usando-se *ç* em lugar de *ss* ou *ss* em lugar de *ç*, *s* em lugar de *z* ou o contrário, iniciando-se assim as dificuldades ainda hoje encontradas na grafia de sons semelhantes (PAIVA, 2008). Segundo Teyssier (1994), essa queda do elemento oclusivo inicia-se ainda no início século XVI.

Os substantivos e formas verbais que hoje tem final em *ão*, no período arcaico tinham as terminações *am, an, om, on*; ex.: *rezam*>*razão*, *repartiçom*>*repartiçõ*, as formas verbais convergiram tanto para a terminação *ão* quanto para *am*, ex.: *passom*>*passam* (pres. ind.), *passarom*>*passarão* (fut. ind.), a palavra *nom*, encontrada também com as grafias *non, nõ*, no século XV era raramente escrita com a grafia *não* (PAIVA 2008). Quanto aos nomes em *ão*, Camara Jr (1975) acrescenta que esses nomes são nomes que em latim tinham tema em *e* antecedido de um *n* intervocálico, nas transformações da língua perdem o *e* final ficando assim com as terminações vistas acima, ex.: *ratione*>*razom* (*razão*), *pane*>*pam* (*pão*), sucedendo-se algum tempo depois a ditongação dessas terminações tornando-se *ão*.

Na passagem do latim para o português, nas palavras que continham o grupo *sc* em posição inicial ou final, houve a queda do *s* resultando em palavras como *nacimento*<*nascimento*, *florecer*<*florescer*, *crecer*<*crescer*; ocorrendo o mesmo com o grupo *gn*, ex.: *malino*<*maligno*, *benino*<*benigno*, no período renascentista esses grupos são reincorporados a escrita. Nas palavras latinas em que havia *n* seguida de *s* no português essa nasal desaparece ex.: *costranger*<*constranger*, *mensagem*<*mensagem*. Houve a queda das consoantes *b* e *d*, sobretudo de prefixo no início das palavras ex.: *avogado*<*advogado*, *sojigar* ou *sogygar*<*subjugar* (PAIVA, 2008).

De acordo com Paiva (2008), é comum a líquida *l* ser substituída nos grupos *fl, pl, cl, gl, bl*; ex.: *fror* ou *frol*<*flor*, *pruma*<*pluma*, *crarão*<*clarão*, *grosa*<*glosa*, *pubricar*<*publicar*. O grupo *qu* pode ser representado por *e* vice-versa ex.: *corenta*<*quarenta*, *calidade*<*qualidade*. O mesmo acontecia com *gu* e *g*, ex.: *gerra*<*guerra*, *foguo*<*fogo*, o *j* também é muitas vezes usado no lugar do *g*, e o *g* empregado no lugar de *j*, este último caso sendo mais raro, ex.: *jentil*<*gentil*, *jente*<*gente*, *goelho*<*joelho*.

Na primeira metade do século XV era comum o uso do *s* impuro ou mudo no início das palavras, ex.: *screver*, *spirito*, *scusar*; o *s* forte com som de *ss* aparecia tanto no início quanto no interior das palavras sem reduplicação, ex.: *misa*<*missa*, *aseseguar*<*assossegar*, da mesma forma podia aparecer duplicado no início e no interior das palavras, ex.: *ssonhar*, *conselho*, e ainda o *s* intervocalico com som de *z* podia aparecer duplicado, ex.: *aussencia*<*ausência*, *assinha*<*asinha*. O *r* podia aparecer duplo no início ou no interior das palavras, ex.: *rrey*<*rei*, *recado*<*recado*, *homrosa*<*honrosa*, *terrey*<*tere*, em contrapartida é encontrado *r* simples com valor de *r* duplo, ex.: *recorrer*<*recorrer*, *tera*<*terra*. O *l* inicial,

medial ou final também é frequentemente duplicado, ex.: llã, malldade, naturall. A nasalidade era marcada com o uso de *m*, *n*, ou *til*, ex.: coração, som, homẽes (homens).

Em algumas palavras ocorre o fenômeno de acréscimo, deslocação ou perda de fonemas. Observa-se a criação de formas protéticas em palavras como; assosseguo< sossego, alimpar<limpar, em outras ocorre à queda de uma vogal inicial, ex.: tiraar<atirar, conselhar<aconselhar, queda de fonemas no interior de sílabas, ex.: spritu<espírito, jurdiçam<jurisdição, acréscimo de fonemas vocálicos, como forma de desfazer grupos consonantais, ex.: caronica<crônica, caronysta<cronista; ocorrendo ainda em outras o fenômeno conhecido como metátese, que o deslocamento de fonemas no interior das palavras, ex.: prove ou probe<pobre, aguardecer<agradecer (PAIVA, 2008).

Na morfologia observa-se que os nomes terminados em consoante no geral fazem plural acrescentando-se *es*. Os substantivos e adjetivos com terminação em *or*, *ol*, *es*, *nte*, eram, em relação ao gênero, uniformes, ex.: mia senhor (minha senhora), mulher espanhol (mulher espanhola), língua portuguê (língua portuguesa), infante ou infantte . O feminino dos nomes terminados em *om* flexionam-se em *oa*, ex.: infançom>infançõa>infançoa; varom>varõa>varoa; alguns desses nomes passam ter o feminino em *ã*, ex.: irmão>irmã, ancião>anciã, conforme Paiva (2008). Coutinho (2011) afirma que alguns nomes que no português atual não sofrem nenhuma modificação no plural, no português arcaico tinham flexão de plural, alféverezes, oríverezes, exemplos do autor.

Há uma alternância no gênero de alguns nomes, existindo assim nomes que atualmente são masculinos, no português arcaico eram femininos ex.: a mar, a cometa, bem como havia nomes que eram masculinos e passaram a ser femininos ex.: o linguagem, o coragem, observando-se ainda o registro de alguns nomes ora como masculino ora como feminino (SILVA, 2013).

Nos adjetivos observou-se que a grau superlativo era formado a partir da anteposição de *mui* ou *muito*, sendo rara a ocorrência do superlativo sintético, ex.: muy gracioso, muy piadoso. Os pronomes pessoais apresenta a forma *lhe* invariável nessa fase, nos possessivos encontramos duas variações femininas uma tônica: minha, tua, sua e uma átona: ma, ta, sa, os demonstrativos distribuem-se em dois grupos, sendo um mais enfático visto que, as formas desse grupo são compostas de uma partícula de reforço mais um pronome, vejamos; aquete(a) (accu+iste(a)), aquisto (accu+istu), aquesse(a) (accu+isse(a) por ipse(a)), aquesso (accu+issu por ipsu), aquel(l)e(a) (accu+ille(a), aquel(l)o

(*accu+illu*)<sup>6</sup>. O segundo grupo é formado pelas formas: *este(a)*, *isto*, *esse(a)*, *isso*, *aquele(a)*, *aquilo*. Paiva (2008) afirma que aparentemente não havia discriminação no uso desses dois grupos no século XV, “sendo umas usadas pelas outras”, a autora afirma ainda que a partir da segunda metade do século XVI inicia-se a predominância no uso das formas do segundo grupo que é o que usamos até hoje.

Os pronomes indefinidos apresentam as formas: *homem*, *omem*, *ome* equivalentes a *alguém*, uma pessoa ou sujeito indeterminado, de uso habitual no século XV, havendo também as formas *al* (*coisa*), *algorrem* (*alguma coisa*) de uso corrente na fala, especialmente dos pastores serranos e personagens populares. Nos pronomes relativos o emprego de *que* em lugar de *quem* ou *o qual*, *os quais*, *a qual*, *as quais* eram frequentes (PAIVA, 2008).

Os artigos definidos aparecem com um *h* inicial, assim as *o*, *a*, *os*, *as* são grafadas *ho*, *ha*, *hos*, *has*; as formas *lo*, *la*, *los*, *las* da fase anterior ainda eram usadas segundo Paiva (2008), quando estas vinham seguidas de palavras terminadas em *r* ou *s*, “havia assimilação dessas consoantes ao *l* ; assim: *pello*, *pelo* (de *per lo*); *pollo*, *polo* (de *por lo*)” (PAIVA, 2008.p.191). As formas verbais vão se modificando pelo processo da analogia, assim as segundas pessoas do plural dos verbos terminavam em *des*, no início do século XV ocorre a queda do *d* intervocálico transformando-se assim formas como *cuidades*, *guardades*, *metede* em *cuidaes*, *guardaees*, *gardeis*, *metee*, *metei*; permanecendo indícios da terminação *des* em verbos que a terminação vem após *r* ou nasal ex.: *amardes*, *quiserdes*, *tendes*, *vinde*.

Após essas observações, seguiremos com nosso esboço da história da língua portuguesa, agora faremos algumas considerações sobre o português clássico.

### 2.3 O PORTUGUÊS CLÁSSICO

No período humanístico século XV, há um encantamento pela cultura clássica e esse encantamento é refletido tanto na língua, como nos textos literários de muitos autores dessa época que trazem marcas desse culto à cultura clássica. Desse apego à cultura clássica resultou, além da influência na escrita dos textos, o surgimento das primeiras gramáticas da língua portuguesa, posteriormente no século XVI.

---

<sup>6</sup> As formas encontradas entre parênteses são as formas dos demonstrativos latinos mais a partícula de reforço *accu*.

Em decorrência do gosto pela cultura clássica surge um desejo de disciplinar e aprimorar a língua portuguesa, para que assim ela se torne mais próxima às feições do latim. Assim surgem às primeiras gramáticas e dicionários da língua portuguesa. A *Gramática da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, surge em 1536; seguindo-a vem a *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros, publicada em 1540, trazendo em anexo o *Dialogo em Louvor da Nossa Linguagem*; posteriormente Pero de Magalhães de Gândavo publica *Regras que Ensinam a Maneira de Escrever a Ortografia Portuguesa com um Diálogo que Adiante se Segue em Defesa da Mesma Lingua* (1574); Duarte Nunes de Leão publica *Orthographia da Lingoa Portuguesa* (1576); e *Origem da Lingua Portuguesa* (1606); apenas três dicionários apareceram entre o século XVI e o século XVII foram eles o *Dictionariam Latino-Lusitanicum et vice-versa Lusitanicum-Latino* (1570) de Jeronimo Cardoso; o *Dictionariam Lusitanico-Latinum*, que apareceu em Braga em 1611, de Agostinho Barbosa, e, por último, o *Thesouro da Lingua Portuguesa*, do jesuíta Bento Pereira, que foi publicado em 1647 em Lisboa conforme Spina (2008).

Durante esse período são incorporados muitos latinismos à escrita adotando-se uma grafia etimológica das palavras. Spina (2008) destaca que os escritores fazem uso dos latinismos aportuguesando as formas importadas e ainda reincorporam termos arcaicos. Ao falar dos latinismos encontrados no português clássico, Teyssier (1994) aponta que na busca em adotar a ortografia etimológica das palavras os escritores chagam a extremos alterando as formas usuais escrevendo palavras como *septe* (sete), *ocllhos* (olho).

É encontrada uma série de latinismos na grafia, na fonética, na morfologia, na sintaxe e no léxico; na grafia a escrita mais simples é complicada ex.: *octavo*>*oitavo*, *facultade*>*faculdade*, *epse*>*esse* (no latim a forma é *ipse*) etc.; na fonética houve uma aproximação de formas populares a formas clássicas conhecidas. Ex.: *abundar* (ao invés de *avondar* forma popular), *insula* (por ilha) etc.; na morfologia recorreu-se ao uso de prefixos, sufixos e radicais oriundos do latim, é caso dos superlativos eruditos em *errimo*, *ílimo* e *íssimo* ex.: *aspérrimo*, *humílimo* etc. Os plurais *inábilis*, *fácil*, *débilis* etc. ;além das formas nominativas *Draco*, *Plato*, *Cícero*, *drago* por *Dracon*, *Platão*, *Cicerão*, *dragão* respectivamente; na sintaxe ocorre o uso de estruturas latinas que não eram usadas em português, casos de apostos como: cidade Beja, reino Melinde etc.; e, por fim, no léxico há a implantação de muitas palavras ditas eruditas ou populares ex.: *ovena* (flauta), *flama* (chama), *sumo* (supremo) etc.; os adjetivos terminados em *eo* e *fero* ex.: *etéreo*, *áureo*,

aurífero, mortífero e outros termos como: pudico, diáfano, pálido etc. Temos ainda os latinismos semânticos: idade (vida), parentes (pais), partes (regiões) etc. (SPINA, 2008).

Cardeira (2006) endossa que se esperava que a língua servisse aos objetivos estéticos, assim como se esperava da literatura exuberância e grandiosidade, daí a recorrência a vários recursos estilísticos, e a retomada do modelo latino imitando a construção frasal, com muitas estruturas subordinadas, e ainda um léxico rico em latinismos.

Durante esse período, na fonética, é observado na escrita dos autores a alternância *e/i*: homecdio, gingiva, vertude; *e/a e/o*: menhã, antão, valeroso; a redução de ditongos: embaxador, bejar; havendo também a ditongação de vogais simples em algumas palavras: cereija, bautizar, oulhar, oulá; alguma contrações eram frequentes: *tèli* (até ali), entrelas (entre elas), cadano (cada ano); registra-se a troca do *l* por *r* em grupos consonantais: *cr, br, fr, gr, pr* ex.: sembrante, craro, fruta, grosa, pranta; a ocorrência de prótese em: alventar, assossego, arreçar dentre outros exemplos encontrados em Spina (2008).

Ao lado dos latinismos, encontramos os arcaísmos, apesar de haver um deslumbramento pela cultura clássica, muitos autores dos séculos XVI e XVII, como Gil Vicente, conservaram em seus textos as formas arcaicas e populares, o que era criticado por quem defendia a fidelidade ao idioma clássico. Esses arcaísmos são encontrados na fonética: *coresma* (quaresma), *dixe* (disse), *tromento* (tormento), *sojigar* (subjugar), *antão* (então); na morfofonética: *sam* (sou), *sento* (sinto), *acude* (acode), *figera* (fizera), *jaço* (jazo); na morfologia: *ismos* (vamos), *comũa* (feminino de comum, palavra uniforme atualmente), *fim*, *guia*, *praneta* (femininos). Os participios irregulares: *absolto* (absolvido), *adouto* (adotado), adjetivos em *or* e *es* com gênero uniforme: *nação português*, *gente perturbador*; uso do sistema demonstrativo: *aqueste*, *aquesta*, *aquiste* (por este, esta, isto), uso de formas verbais paralelas com o mesmo sentido: *deixar* e *leixar* (provavelmente originados do latim das formas *lexare* e *delexare*, este prefixado). Aglutinação do advérbio *u* (onde) as formas *lo, la* resultando em *ulo(a)* (onde o, a com o verbo ser subtendido) *ulos* esses namorados? Exemplo encontrado em Gil Vicente (onde estão esses namorados?). Na sintaxe a regência dos verbos é um dos pontos que encontramos afetado pelos arcaísmos, temos então formas verbais, que regem preposição, empregadas sem uso dessa preposição (não se atreveu passar), ou o contrário, formas verbais que dispensam o uso da preposição com o uso desta (deseja de comprar-vos pera genro); ainda no âmbito dos verbos encontramos o participio passado concordando com o objeto (depois de ter pisada a area

ardente) essas são apenas algumas das formas encontradas na sintaxe, ainda no léxico encontramos termos como asinha (depressa), bofé (boa fé), ca (porque) etc.(SPINA, 2008).

Além dos aspectos supra citados, o português passa por transformações resultantes do contato com línguas diversas. Em consequência da expansão marítima, das colonizações de novas terras e da comercialização de produtos com povos desses territórios, assim como da catequese aos povos encontrados nos territórios colonizados, a língua portuguesa se espalha pelos territórios conquistados, mas também é influenciado pelas línguas nativas, incorporando novos termos, e assim o léxico é enriquecido.

Na língua portuguesa é encontrado um acervo de termos oriundos de influências asiáticas, africanas e indígenas. Em decorrência das influências asiáticas podemos citar termos como: chatinar por mercadejar, beniaga por mercadoria, lascarim por homem de guerra, çumbaia por medida e cortesia, exemplos encontrados em Spina (2008).

O elemento africano é encontrado inúmeras palavras utilizadas em denominações relacionadas à culinária, às crenças, à música, as plantas. Alguns exemplos são: acarajé, angu, bobó, quibebe, iemanjá, ogum, exum, agogô, batuque, mutamba, maxixi além de outros vocábulos que não elencamos aqui e podem ser encontrados em Coutinho (2011). A influência africana proporcionam muitas alterações linguísticas no português observando-se mudanças no campo da fonética, algumas dessas alterações são: a redução das flexões verbais utilizando-se apenas da forma de infinitivo ex: aquy estar o juiz de fora (aqui está o juiz de fora); a dissolução de grupos consonantais ex: puruguntaa (perguntar), faratai (fartei), tera (terra); a eliminação do *r* final ex.: cassá (casar); a monotongação de ditongos: *ui* muto (muito), *ei* dexa (deixa), a vocalização do grupo *lh* muyere (mulher), oyo (olho), a eliminação do *s* final ex.: vamo (vamos), temo (temos) (SPINA, 2008).

A contribuição indígena para a língua portuguesa é encontrada principalmente no português brasileiro. Nos textos de escritores da época é encontrado um rico acervo de termos de origem tupi. No vocabulário encontram-se termos como: cipó, jararaca, caju, acauã, anu, mandioca etc. Coutinho (2011) ressalta que os termos tupis incorporados ao português estão no campo dos nomes próprios ou apelidos de pessoas e ainda um bom número de verbos se formam a partir de nomes de origem tupi. As alterações fonéticas encontradas no português podem ser explicadas por influências africanas, como exposto acima, e por influências nativas, vejamos supressão do no grupo *nd* nas formas *and*, *end*, *ind* ex.: falano, dizem, vestino; e as transformações que ocorreram por influencia do

elemento africano, vistas acima, basicamente também se deram com a influencia indígena (SPINA, 2008).

Para finalizar o nosso percurso na sequencia veremos o português contemporâneo.

## 2.4 O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

No século XVIII Portugal estava dividido entre a Europa e o Brasil, assim também dividido entre um pensamento conservador e uma nova mentalidade, é nesse cenário que se inicia o português contemporâneo. As novidades tecnológicas faziam progredir o conhecimento e iluminavam o pensamento no território europeu. No Brasil, as riquezas minerais e agrícolas chamavam a atenção da imigração, bem como sustentava o trono absolutista e a aristocracia de Portugal (CARDEIRA, 2006).

O pensamento de modernização cultural é introduzido em Portugal por personalidades como Rafael Bluteau e Luís António Verney, nomes como estes contribuíram com o desenvolvimento de propostas para o ensino, dando impulso a implantação de métodos experimentais no ensino, e assim possibilitando as reformas impostas pelo Marquês de Pombal.

Os jesuítas dominaram o ensino até o ano de 1759, ano de sua expulsão de Portugal fundando o monopólio no ensino. Logo após a expulsão deles foram criados o Colégio dos Nobres, os Estudos Menores e a Academia Real das ciências, e há a reforma da Universidade. O Colégio dos Nobres cria um programa de ensino inovador com a inclusão do ensino de Português e línguas modernas, essa adoção faz com cresça o interesse pelas questões gramaticais, principalmente no tocante à ortografia, nomes como Luís Caetano de Lima, Madureira Feijó, Monte Carmelo dentre outros demonstram o interesse que se tinha na época em estudar as questões gramaticais dando-se maior atenção ao estudo da ortografia tema que era dividido entre a tradição gráfica, a etimológica e a realidade fonética. É durante o século XVIII que os trabalhos sobre língua portuguesa elegem como norma culta a variedade da Estremadura, falada especialmente na Corte. Com o crescimento econômico e demográfico se expandindo, a ampliação do ensino e da imprensa faz crescer o empenho no estudo da língua, na fixação e divulgação da norma culta (CARDEIRA, 2006).

No século XIX ocorrem muitos transtornos políticos e sociais na Europa. Em consequência das invasões francesas, a Corte portuguesa foge para o Brasil em 1807, em

Portugal os ingleses enfrentam os franceses. Inicia-se uma revolução liberal no intuito de recolocar o centro das decisões políticas em Lisboa. Nesse período há uma série de conflitos que resulta no fim do antigo regime. Muitos intelectuais da época abraçaram a revolução liberal; nomes como Almeida Garret, Alexandre Herculano apoiam essa revolução e empenham-se na divulgação da literatura popular e verdadeiramente nacional, os jornais e romances agora chegam a um público bem maior abrangendo a classe média. Nesse período é criado o Liceu em 1836 (CARDEIRA, 2006).

Na segunda metade do século XIX são publicados os trabalhos de Adolfo Coelho, Epifânio da Silva, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis e Jose Joaquim Nunes que inauguram uma nova forma de estudos da língua portuguesa. A partir de então os trabalhos não abordam apenas o ensino da língua, mas procuram agora compreender e descrever o funcionamento do português. A partir de 1880 surge a Revista Lusitana que publica os estudos e traz um panorama da nova ciência da linguística.

Em 1911, o governo nomeia uma comissão para definir a ortografia a ser usada nas publicações oficiais. Estava incluso nessa comissão Gonçalves Viana, que anteriormente apresentara um projeto de ortografia simplificada, esse projeto serve de base na regulamentação da ortografia portuguesa. Nessa reforma as consoantes dobradas desaparecem transformando-se assim palavras antes escritas *abbade*, *vacca*, *allgumas*, *flamma* em *abade*, *vaca*, *algumas*, *flama*; o grupo *ph* ex.: *pharmácia* passa a ser escrita *farmácia*, além da eliminação de outros exageros pseudoetimológicos, ficando assim a ortografia da época bem próxima à ortografia usada atualmente (CARDEIRA, 2006).

Na fonética, ao longo do português contemporâneo acontecem algumas transformações. Uma delas é a palatização da sibilante implosiva, fenômeno registrado na região meridional de Portugal, sendo incorporada à norma culta. Cardeira (2006) ilustra essa mudança ocorrida no século XVIII citando Verney (1746), a explicação é que na pronúncia do português todas as palavras com final em *s* ou *z*, essas duas letras se pronunciam *x*, em outras palavras, no final de sílaba ou de palavra, fricativa é realizada como palatal, que será surda em final absoluto, ou antes, de consoante surda ex.: *nós*, *noz* (*noʃ*), *pasta* (*paʃta*), e sonora quando anteceder consoante sonora ex.: *fisga* (*fisʒga*), ressaltando-se que esse fenômeno não ocorreu nos dialetos setentrionais nem no português brasileiro (CARDEIRA, 2006). Ainda Teyssier (1994) diz que:

Na maior parte do Brasil, os -s e os -z implosivos são sibilantes, realizados como [s] em final absoluto (atrás, uma vez) ou diante de consoante surda (vista, faz frio), e como [z] diante de consoante sonora (mesmo, atrás dele) (TEYSSIER, 1994.p.67).

Outra mudança é a monotongação do ditongo /ow/ em / o /, nos dialetos centro-meridionais e insulares, bem como no português brasileiro, conforme salienta Cardeira (2006), ex.: couro [cowro] por coro [coro]. Este fenômeno também é aceito pela norma, mas a monotongação do ditongo / ej / (dinheiro>dinheiro) não é aceita pela norma, sendo na região de Lisboa realizado / ɛi / num esforço para conservar o ditongo, ex.: dinheiro, dinh[ɛi]ro no português de Portugal e dinh[ei]ro português do Brasil.

De acordo como Cardeira (2006), houve a elevação e centralização das vogais átonas do português, no geral, talvez desde o português arcaico, as vogais átonas o, a, e, em posição final são realizadas [u], [ɐ], [i] ex.: arcaico (arcaic[u]), palavra (palavr[ɐ]), ponte (pont[i]), a elevação de e para i prevalece no português do Brasil, enquanto que no português de Portugal o e final acaba se centralizando para [ɨ] ponte (pont[ɨ]); em posição pretônica medial, no português de Portugal. As vogais medias baixas /a/, /o/e /ɔ/, /ɛ/ e /ɛ/ são realizadas respectivamente /ɐ/, /u/ e /i/ ex.: pal[ɐ]vrinha, t[u]lice, p[ɨ]ludo. No português do Brasil, o quadro das vogais pretônicas é o que se segue alta anterior [i], alta posterior [u], media-alta anterior [e], media-alta posterior [o], media-baixa anterior [ɛ], media-baixa posterior [ɔ], media-baixa central [ə] e a baixa central [a] (SILVA, 2013).

Na morfologia e na sintaxe, Teyssier (1994) ressalva que passa-se a empregar o artigo seguido de possessivo com mais expressividade ex.: o meu livro ao invés de meu livro; o si é usado como substituto da forma de tratamento de terceira pessoa. Ex.: Isto é para si. O pronome átono passa a ser usado de preferência na posição enclítica. Ex.: João sentou-se. A segunda pessoa do plural cai em desuso; o emprego da mesóclise no futuro e condicionas passa a ser usado somente em alguns registros da língua escrita. O futuro condicional é cada vez menos usado em sentido temporal dentre outras modificações. O vocabulário é enriquecido com vários empréstimos ou estrangeirismos, palavras oriundas de outras línguas, principalmente de origem francesa. Os empréstimos são mais numerosos no campo dos termos que designam nomes de objetos: televisão, automóvel; além de estrangeirismos em outras áreas: chefe, boné, blusa, rouge dentre outros.

### **CAPÍTULO III**

#### **REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FÓNETICA E FONOLOGIA A PARTIR DA ANÁLISE DOS METAPLASMOS**

Nos capítulos anteriores vimos as diversas transformações que a língua portuguesa sofreu desde a sua origem, no latim vulgar, até se configurar na forma que temos atualmente. Essas transformações refletiram nos diversos campos da gramática da língua, como na sintaxe, na morfologia, na ortografia e na fonética e fonologia. As transformações assinaladas têm um papel importante na explicação de muitos fenômenos da língua portuguesa, a exemplo da grafia de algumas palavras que tem uma ortografia voltada para etimologia.

A ortografia da língua portuguesa passou por muitas transformações no decorrer da história, tendo havido muitas tentativas de unificação ortográfica entre Brasil e Portugal, como demonstra Castilho (2010) ao fazer um apanhado da história da ortografia da língua portuguesa; muitas dessas transformações aconteceram em decorrência das evoluções fonéticas e fonológicas da língua. Coutinho (2011) salienta que a língua portuguesa tem a sua história da ortografia dividida em três períodos, a saber, o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

No período fonético, a escrita objetivava aproximar-se o máximo possível da fala, no intuito de facilitar a leitura. Esse período coincide com o período dos copistas, como não se dispunha de um padrão uniforme para a transcrição das palavras muitas vezes um vocábulo aparecia com grafias diferentes, até mesmo em um único documento; Coutinho (2011) afirma que nesse período escrevia-se para o ouvido.

Durante o período pseudoetimológico, a escrita era voltada para a etimologia das palavras, respeitando as letras originais mesmo que não representassem nenhum valor fonético; assim surgem novos vocábulos na língua, e as palavras já existentes que haviam tomado uma forma vulgar, eliminando as raízes etimológicas, retomam suas formas antigas. Os esforços em seguir a etimologia das palavras muitas vezes levaram alguns escritores a incorrer em desvios das formas das palavras, usando formas como: sepulchro, theor, tradição, ellypse etc.

No decorrer do período simplificado, todos os símbolos de etimologia grega são abolidos, as consoantes dobradas são reduzidas a simples, com exceção de *rr* e *ss* mediais,

as consoantes nulas, quando não interferiam na pronúncia de vogais que as antecediam, são eliminadas, e ainda ocorre a regularização da acentuação gráfica (COUTINHO, 2011).

A ortografia está ligada diretamente aos processos fonéticos e fonológicos, por isso um estudo desses processos numa perspectiva histórica ajudaria nas explicações de muitas questões ortográficas. Rodrigues (2005) ressalta que as relações estabelecidas entre o plano fônico e plano escrito são bastante úteis no domínio da ortografia, isso significa que uma aprendizagem adequada desses aspectos iria fazer com que se evitassem desvios corriqueiros na escrita de alguns alunos. Numa perspectiva histórica, a contribuição seria bem maior neste aspecto, como, por exemplo, a dúvida que muitos têm quanto à grafia de determinados fonemas que podem ser representados por grafemas distintos nas diversas palavras; corroborando com essa afirmação Furlan (2011.p.355.) destaca que:

[...] as dificuldades ortográficas maiores e mais numerosas da ortografia portuguesa, relativas sobretudo aos fonemas /s, z, ã, ã/, se desfazem na medida em que o escritor resgata a forma latina, principalmente seus radicais verbais.

Essa afirmação de Furlan (2011) nos ajuda a perceber o quanto é importante nos debruçarmos sobre as questões históricas da língua, e ainda atentarmos para uma forma de trazer esses conhecimentos para sala de aula.

Além das questões ortográficas, o conhecimento histórico, referente às transformações internas da língua será útil para a compreensão da formação das variações linguísticas, que, muitas vezes, por não se ter um conhecimento desses aspectos, são considerados equivocadamente erros, um estudo que leve em consideração os aspectos fonético e fonológicos, e ainda prestigie as transformações ocorridas ao longo da história de formação da língua irá facilitar a compreensão dos aprendizes sobre esse assunto. Essas variações podem ter explicações relacionadas à etimologia da língua.

Em muitas das variedades da língua portuguesa, e aqui nos referimos especificamente ao português do Brasil, encontramos o uso de variantes do tipo *luita* por *luta*, *area* por *areia*, palavras que eram usadas na escrita do português arcaico como vimos acima no segundo capítulo. Beviláqua (2014) mostra em seu estudo que muitas das variações ou transformações que ocorreram no latim vulgar, e são exemplificadas no Appendix Probi refletem nas variações do português brasileiro.

Muitos fenômenos que atuaram na variação do latim clássico para o latim vulgar são encontrados nas variações do português brasileiro, como mostra Beviláqua (2014); a exemplo da transformação de palavras proparoxítonas em paroxítonas, nesse fenômeno ocorre a *síncope* da vogal subsequente postônica não final. No latim vulgar temos como exemplo *iugulus* transforma-se em *iuglus*, em português encontramos fósforo por fósforo; capítulo por capítulo; músculo por músculo.

O fenômeno denominado *rotacismo* é registrado no latim vulgar e ocorre no português brasileiro. Esse fenômeno consiste na troca do fonema *l* pelo fonema *r* quando esses fonemas vêm antecidos de consoante oclusiva ou fricativa, ex.: *frecha* por *flecha*, *bicicreta* por *bicicleta*, *pranta* por *planta*. A redução do *ndo* no gerúndio a *no*, em português fadado, é visto em palavras do latim vulgar como *grundio*>*grunio*, em português esse fenômeno ocorrerá sempre nas formas verbais no gerúndio ex.: *cantando*>*cantano*, *andando*>*andano*, *correndo*>*correno* etc.

A *monotongação* de ditongos, em algumas palavras os ditongos *ou* e *ei* são reduzidos as vogais *o* e *e*, exemplo do latim vulgar *oricla* por *auris*, no português temos *oro* por *ouro*, *pexe* por *peixe*, *fejão* por *feijão*, *oto* por *outro*. Por último Beviláqua (2014) exemplifica a desnasalização da vogal em sílaba final, no latim ex.: *nunqua* por *numquam*, *oli* por *olim*; no português essa desnasalização acontece frequentemente nas formas verbais ex.: *come* por *comem*, e em substantivos: *jove* por *jovem*, *garage* por *garagem* etc.

Neste contexto a falta de conhecimentos sobre as mudanças e as variações linguísticas ocasiona o cultivo do preconceito linguístico, marginalizando esses usos da língua. Voegeley (2006) salienta que o fato da escola não tratar de forma adequada esse aspecto contribui para a formação do preconceito linguístico. Diante dessa afirmação, fica evidente a importância de propor aos discentes a aprendizagem desses conceitos levando em consideração as questões históricas e sociais. Barros (1997) aponta que um conhecimento profundo sobre variação repercutirá na atitude dos alunos, visto que esse conhecimento não se restringe apenas a conceituar o que é variação, mas ter consciência do caráter não motivado dessas variações do ponto de vista linguístico.

A apresentação das modificações que aconteceram na língua portuguesa em seu percurso de formação poderá auxiliar nas explicações de diversos fatos gramaticais encontrados no estudo sincrônico da língua. Nas relações lexicais de pares como *árvore* e *arborizar*, *cabeça* e *decapitar*; a motivação dessas relações encontra-se na evolução fonética, observando-se no percurso da passagem de uma língua para outra ocorre à

modificação ou queda das consoantes mediais. Nesses casos o que se pode entender é que na palavra *árvore*, que em latim clássico é escrita *arbore*, o *b* transforma-se em *v*, no caso de *arborizar* o que pode ter acontecido é a recuperação da escrita vernácula no período etimológico, ou se tratar de uma palavra erudita; no caso do par *cabeça* e *decapitar* a explicação é parecida, em latim *cabeça* é *capitia*, posteriormente o *p* transforma-se em *b*, mas chega ao português à forma erudita *decapitar*, ato de retirar a cabeça (COUTINHO, 2011).

Outro ponto a ser esclarecido com base no quadro de evolução da língua é a formação dos plurais de palavras terminadas em *l*, podemos muito bem nos perguntar por que o plural de *girassol* é *girassóis*, de *sinal* é *sinais*. Teyssier (1994) afirma que a queda do *l* intervocálico na passagem do latim vulgar para o galego-português explica-se a formação desses plurais.

As razões para que se incluam os conteúdos voltados à história interna da língua são inúmeras, mas o que se percebe é que esses conteúdos vêm sendo deixado completamente de lado no que se refere ao Ensino Fundamental e Médio. Baldini (1999) em seu trabalho sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira ressalta que com a criação da mesma dissocia-se o termo gramática e gramática histórica, indo esta última ficar nos apêndices da Nomenclatura Gramatical, talvez essa seja uma das razões por ter-se passado a considerar o estudo da gramática histórica como sendo algo de segundo plano nas séries do Ensino Básico.

O estudo dos conceitos fonéticos e fonológicos, ainda que do ponto de vista sincrônico, pode ajudar aos alunos na compreensão de outros conteúdos inclusos nos programas de ensino de língua portuguesa. Veloso e Rodrigues (2001) ressaltam que a sensibilização para os aspectos fonéticos e fonológicos pode ajudar aos alunos na compreensão de recursos estilísticos que são baseados em critérios rítmicos ou fônicos. Os autores afirmam que nos estudos de análise literária explorando os recursos estilísticos que se baseiam em aspectos de ordem fônica ou rítmica, já que, há uma nítida separação entre som e escrita. Em consonância com o que afirmam Veloso e Rodrigues (2001), Borstel (2014) ao citar Câmara Jr diz que a rima é antes de tudo um fenômeno fonético.

Em um estudo sobre Fonética e fonologia no ensino de língua materna, Rodrigues (2005) observa que no estudo das relações lexicais como homofonia e homografia esses conceitos interferem na relação som e escrita, sendo úteis as noções desses conceitos para a aprendizagem dos alunos.

Em suas considerações acerca do ensino de Fonética e Fonologia, Veloso e Rodrigues (2001) enfatizam a importância de se ter um conhecimento dos aspectos fonéticos e fonológicos quando se propõe um ensino de línguas estrangeiras ao estudante, de forma que facilitaria para os alunos aprenderem ou entenderem questões relacionadas à pronúncia das palavras em outras línguas, se houver uma apresentação prévia do inventário fonológico da língua materna, e ainda seria útil esse conhecimento no uso de instrumentos de tradução como o dicionário, que muitas vezes dispõem da transcrição fonética das palavras. Para reiterar a importância dessas propostas Halliday e McIntosh (1974) atentam para a necessidade do ensino de Fonética e Fonologia ser abordado de modo descritivo e produtivo e não prescritivo.

### 3.1 METAPLASMOS

As transformações ocorridas são resultado de fenômenos fonéticos, ou mais especificamente das leis fonéticas. O princípio que rege as modificações nas palavras de uma língua (COUTINHO, 2011). Os processos de transformações nos fonemas das palavras de uma língua são denominados metaplasmos. Os metaplasmos são divididos em quatro tipos de metaplasmos: **por permuta, por aumento, por subtração e por transposição**. Tomando como suporte teórico Coutinho (2011), faremos uma breve descrição dos metaplasmos atentando para ocorrência destes na oralidade em algumas comunidades linguísticas.

Os **metaplasmos por permuta** consistem na substituição de um fonema por outro e põem ocorrer das seguintes formas:

**Sonorização:** substituição de um fonema surdo por um sonoro. Ex.: lupu>lobo

**Vocalização:** conversão de som consonantal em vocálico. Ex.: nocte>noite. Na oralidade podemos encontrar exemplos como: malvada>maivada, porcaria>poicaria, porco>poico.

**Consonantização:** conversão de som vocálico em som consonantal. Ex.: uiuere>viver.

**Assimilação:** aproximação perfeita de dois fonemas. Pode ser vocálica, consonantal, total, parcial, progressiva e regressiva.

É vocálica quando que se assimila é uma vogal. Ex.: palomba>poomba>pomba. É consonantal quando o fonema assimilado trata-se de uma consoante. Ex.: persona>pessõa>pessoa. Trata-se de assimilação total quando o fonema assimilado se identifica com o assimilador. Ex.: perlo>pello>pelo. A assimilação é parcial quando a semelhança entre assimilador e assimilado não tem uma identidade completa. Ex.:

comite>conde, auro>ouro. Trata-se de assimilação progressiva quando o fonema assimilado está em primeiro lugar. Ex.: amaramlo>amaram-no. A assimilação regressiva é quando o fonema assimilado vem depois. Ex.: reversu>reverso.

**Dissimilação:** diversificação ou queda de fonema igual ou semelhante. A dissimilação pode ser vocálica, consonantal, progressiva e regressiva.

A dissimilação é vocálica quando o fonema que se dissimila é uma vogal. Ex.: manhã<maniana>menhã (arc.). Quando a dissimilação é consonantal o fonema que se dissimila é uma consoante. Ex.: memorare>nembrar(arc.)>lembrar. Na dissimilação progressiva o fonema dissimilado vem após o dissimilador. Ex.: cribu>crivo. Já na dissimilação regressiva o fonema dissimilado vem antes do dissimilador. Ex.: paravra (arc.)<parábola>palavra.

**Nasalação** ou nasalização: nesse processo ocorre a transformação de um fonema oral em nasal. Ex.: mi(arc.)<mihi>mim. Na oralidade encontramos palavras como: mortadela>mortandela, identidade>indentidade, igreja>ingreja.

**Desnasalação** ou desnasalização: na desnasalação ocorre o inverso da nasalação, os fonemas nasais tornam-se orais. Ex.: bõa(arc.)<bona>boa. Na oralidade a palavra homem passa a ser home, mensagem>message.

**Apofonia** ou deflexão: modificação que ocorre com a vogal inicial de uma palavra, quando a esta é colocada um prefixo. Ex.: \*ad+canto>acento.

**Metafonia:** modificação no timbre de uma vogal, em consequência da influência de uma vogal ou semivogal seguinte. Ex.: feci>fiz. Na fala as pessoas usam a pronúncia da palavra ovo>óvo por influência da forma plural ovos.

Os **metaplasmos por aumento** são os em que ocorre o processo de adição de fonemas as palavras, podendo ser classificados como: **prótese ou prótese, epêntese, anaptixe ou suarabáct e paragoge ou epítese.**

**Prótese** ou prótese: é amento de som no começo das palavras. Ex.: stare>estar. Como exemplos de prótese na encontramos alguns grupos linguísticos em que, juntar é pronunciado ajuntar, sossegado>assossegado, limpar>alimpar, sentar>assentar.

**Epêntese:** ocorre o acréscimo de fonema no interior da palavra. Ex.: stella>estrela. Alguns exemplos de epêntese na oralidade são: lista>listra, estalo>estralo, lito>litro, lata>latra.

**Anaptixe** ou suarabáct: este é um tipo especial de epêntese, que consiste em desfazer um grupo consonantal com a intercalação de uma vogal. Ex.: \*brata<blatta>barata. Na

oralidade caracterizam-se como anaptixe casos como peneu ou pineu>pneu, adevogado>advogado.

**Paragoge** ou epítese: aumento de fonema no final das palavras. Ex.: ante>antes. Como exemplo, na oralidade podemos encontrar os diminutivos em geral. Ex.: caminho>camim, sozinho>sozim.

Os **metaplasmos por subtração** são os que diminuem fonemas nas palavras, e subdividem-se em: **aférese, síncope, haplologia, apócope, crase e sinalefa ou elisão**.

**Aférese**: consiste na queda de fonema no início da palavra. Ex.: attonito>tonto. Na fala de alguns grupos linguísticos é usada a forma bora para embora.

**Síncope**: consiste na subtração de fonema no interior da palavra. Ex.: malu>mau. Na oralidade encontramos a síncope em pedra>peda, palavra>palava, sonhando>sonhano.

**Haplologia**: a haplologia é um tipo especial de síncope que consiste na queda de sílaba medial, por haver outra sílaba idêntica. Ex.: \*perdeda<perdita>perda.

**Apócope**: eliminação de fonema final nas palavras. Ex.: legale>legal. Na fala em alguns grupos linguísticos encontramos apócope principalmente nas formas infinitivas dos verbos: sentá<sentar, casá>casar etc.

**Crase**: fusão de dois sons vocálicos adjacentes. Ex.: dolore>dor.

**Sinalefa** ou elisão: perda da vogal final de uma palavra, quando a palavra sucessiva começa com vogal. Ex.: de+um>dum.

Os **metaplasmos por transposição** são os que consistem na deslocação de fonema ou de acento tônico nas palavras. A transposição de fonema é denominada *metátese*. A metátese é a transposição de fonema que ocorre na mesma sílaba ou entre sílabas. Ex.: ravia (arc.)<raiva. A transposição de acento tônico leva o nome *hiperbibismo*, e subdivide-se em *sístole* e *diástole*. A sístole ocorre quando o acento tônico de uma palavra é transposto para a sílaba anterior. Ex.: erámus>éramos. O deslocamento da sílaba tônica para uma sílaba posterior é chamado diástole. Ex.: júdice>juiz. Na fala de alguns grupos linguísticos é possível encontrarmos a ocorrência de *metátese* em palavras como: vidro>vrido, interpretação>interpetração, problema>pobrema, pedrada>predada.

A ocorrência de fenômenos metaplasmos na oralidade tende a refletir na escrita, durante a fase de aquisição da escrita ou mesmo de aperfeiçoamento desta, os educandos recorrem a uma escrita que seja uma representação fiel da oralidade, porém a escrita não tem o caráter dinâmico da fala. E isso acaba ocasionando uma série de problemas na

ortografia. E ainda uma má interpretação desses fenômenos ajudará a fortalecer o preconceito linguístico entre alunos e professores.

Levando-se em consideração as transformações ocorridas na língua, com o decorrer do tempo e diversos fatores, faz-se necessário avaliar como o ensino de língua materna tem lidado com todos esses fenômenos ocorridos no percurso histórico da língua em especial na Fonética e Fonologia. Além disso, sente-se a necessidade de observar até que ponto os livros didáticos estão abordando os conceitos fonéticos e fonológicos, ainda que de modo sincrônico.

### 3.2 ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E NO MÉDIO

Consideremos, assim realizamos, a partir do aporte teórico a análise das coleções **Vontade de saber português**, destinada às séries do ensino fundamental, de autoria de Rosemeire Alves e Tatiane Brugnerotto, e a coleção **Português: contexto, interlocução e sentido**, de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, destinada às series do Ensino Médio, sendo a primeira adotada pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Mozart Rodrigues e a segunda adotada pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Morais, ambas localizadas na cidade de Bonito de Santa Fé, na Paraíba.

Na análise da coleção I: Vontade de saber português, que contém os volumes do 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, observou-se que em momento algum os conteúdos se apoiam na perspectiva histórica da língua, em nenhuma parte recorre-se a explicações que leve em consideração o processo de evolução da língua. Na apresentação dos conteúdos há uma mescla entre ensino a finalidade de domínio da língua e domínio da gramática.

Em parte das atividades são compostas com textos e questões que exigem do aluno a capacidade desenvolvimento de interpretação textual, mas são encontradas também atividades nas quais predominam a identificação de fatos e regras gramaticais. Na estrutura dos exercícios, encontramos exercícios de produção, de imitação, e ainda de identificação de erros gramaticais.

No que se refere ao ensino de Fonética e Fonologia, encontramos alguns pressupostos nos volumes do 6º e 7º ano, porém a abordagem se dá de modo tradicional.

No livro do 6º ano nas páginas 92-93 encontra-se, com o título “Letra, fonema e dígrafo”, um item que traz o conceito do que vem a ser fonema e letra “fonema é a representação sonora da fala; e letra é a representação gráfica e visual do fonema” (TAVARES, BRUGNEROTTO, 2012.p.92) mencionando-se que no geral o fonema aparece entre barras. Em seguida explica-se que em alguns casos mais de uma letra é usada para representar um único fonema, como acontece com os dígrafos. A partir dessas explicações, é introduzido o conceito de dígrafos e enfatiza-se a existência de tipos de dígrafos: os dígrafos consonantais e os nasais.

Nas páginas 115-116 encontramos o item “Sílabas, encontro vocálico e encontro consonantal”. Neste item é dada a seguinte definição para sílaba “Recebe o nome de sílaba o som (fonema), ou grupo de sons (fonemas), pronunciado em uma só emissão de voz” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.115). Na sequência faz-se a definição de encontro vocálico “O encontro de dois ou mais sons vocálicos, em uma palavra, recebe o nome de encontro vocálico” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.115). Ressaltando-se que há diferentes tipos de encontro vocálico: os ditongos, os tritongos e os hiatos, dispondo dos seguintes conceitos no primeiro caso “Quando há a união de dois sons vocálicos em uma mesma sílaba, o encontro vocálico recebe o nome de ditongo” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.115), no segundo caso “Quando ocorre o encontro de três sons vocálicos em uma mesma sílaba, ele é denominado tritongo” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.115) e no último caso “O encontro de dois sons vocálicos em sílabas diferentes é chamado hiato” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.116).

Quanto aos encontros consonantais é colocado o seguinte conceito “O encontro de duas consoantes em uma palavra recebe o nome de encontro consonantal” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.116). Explicando-se que os encontros consonantais podem se dar na mesma sílaba ou em sílabas diferentes. É ainda feita a distinção entre encontro consonantal e dígrafo. Nessa distinção enfoca-se que no encontro consonantal, ambas as consoantes são pronunciadas, isto é, o encontro consonantal representa dois fonemas, já nos dígrafos o encontro das duas consoantes equivale a pronúncia de um único fonema.

Nas páginas 195-196 acha-se um item com o título “Sílabas tônicas”. Nesse conteúdo são conceituadas sílabas tônicas e átonas:

Em uma palavra a sílaba pronunciada com mais intensidade recebe o nome de sílaba tônica, que pode ser acentuada graficamente ou não. Já a

sílaba pronunciada com menos intensidade é denominada sílaba átona (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.195) .

Neste mesmo item é tratado da classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica. Sendo colocados os conceitos de oxítona “a última sílaba é tônica”, paroxítona “a penúltima sílaba é tônica” e proparoxítona “ a antepenúltima sílaba é tônica”, salientando-se que nas oxítonas e nas paroxítonas a sílaba nem sempre será acentuada graficamente enquanto que nas proparoxítonas o acento gráfico sempre aparece.

Logo em seguida prossegue-se com o conteúdo colocando em foco os monossílabos dando-se a seguinte definição “Na Língua Portuguesa, há palavras constituídas por apenas uma sílaba, chamada de monossílabos” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.196). Após ser dada esta definição é feita a distinção entre monossílabos átonos e tônicos, afirmando-se que os que são pronunciados com maior intensidade são considerados tônicos, e os que são pronunciados com menor intensidade são átonos.

Nas páginas 233-234 temos “Acentuação de monossílabos tônicos e de oxítonas”<sup>7</sup> nessa parte encontramos as regras de acentuação dos monossílabos tônicos e das palavras oxítonas, nessas regras diz-se o seguinte para a acentuação dos monossílabos tônicos “Recebem acento gráfico os monossílabos tônicos terminados em -a(s), -e(s), -o(s), -éi(s), -ói(s), -éu(s)” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.233); para a acentuação das oxítonas “Recebem o acento gráfico as palavras oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens, -éi(s), -éu(s), -ói(s)” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.233).

Na página 250 encontramos “Acentuação das paroxítonas e proparoxítonas”, neste item temos apenas as normas de acentuação das paroxítonas e proparoxítonas, as regras consistem nas seguintes afirmações, para as paroxítonas:

São acentuadas paroxítonas terminadas em: ã, ãs, ão, i, is, l, n, x, on, ons, ps, um, uns, us, e em ditongos seguidos ou não de s”; para as proparoxítonas, “A regra de acentuação das proparoxítonas é bastante simples: todas são acentuadas(TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.250).

---

<sup>7</sup> Entende-se que o critério de acentuação baseia-se na pronúncia das palavras, por isso; os estudos de fonética e fonologia abrangem este aspecto.

No volume do 7ºano encontramos nas páginas 117-118 “Acentuação das formas verbais”, onde são colocadas as regras de acentuação de algumas formas verbais na 3ª pessoa do plural:

Os verbos ter e vir e seus derivados, na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, são acentuados (eles têm/elas vêm), diferenciando-se das formas verbais no singular (ele tem/ela vem) (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.117).

Nas páginas 144-145 temos “Acentuação de ditongos abertos e hiatos”, para a acentuação dos ditongos é colocado a afirmação “Na língua portuguesa, são acentuadas graficamente as palavras oxítonas terminadas em ditongos abertos: éi(s), éu(s), ói(s)” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.117); para a acentuação de hiatos é posto “Segundo as regras de acentuação, quando as vogais i e u, nos hiatos, forem tônicas, e estiverem sozinhas em uma sílaba ou seguidas de s, devem ser acentuadas graficamente” (TAVARES e BRUGNEROTTO, 2012.p.117).

Nas propostas de atividade encontradas em cada um dos itens analisados observou-se que há predominância, na estruturação desses exercícios, de questões que consistem em pedir a imitação ou substituição de palavras, ora com a intenção de se fazer a correção de erros gramaticais, ora na intenção de estimular a capacidade de identificação das normas gramaticais, dessa forma fica evidente a natureza tradicional na abordagem dos conteúdos de Fonética e Fonologia nesta coleção. Constatou-se ainda que não seja apresentada descrição dos sons levando em consideração os pontos e modos de articulação, nem se faz uma apresentação do aparelho fonador.

Na coleção II: Português: contexto, interlocução e sentido, usado no Ensino Médio, assim como na coleção analisada anteriormente, constatou-se a ausência dos estudos acerca da história interna da língua, os conteúdos são abordados sempre de modo sincrônico, observou-se também que a finalidade predominante é o domínio da gramática normativa.

Embora as atividades propostas se estruturam de modo que exige do aluno o desenvolvimento e capacidade de interpretação textual, nas atividades predominam questões de interpretação, os conteúdos em si são apresentados com uma mescla de ensino tradicional.

No tocante ao ensino de Fonética e Fonologia, no volume destinado ao 1º ano, no capítulo 13 Oralidade e escrita, encontra-se um tópico na página 168 com o título “A

dimensão sonora da Língua Portuguesa”. Nesse tópico são dadas as definições de fonologia e fonema, para fonologia a definição dada é “A fonologia é a parte da gramática que se dedica ao estudo dos fonemas de uma língua e sua ocorrência em diferentes contextos” (ABAURRE, ABAURRE, PONTARA, 2013.p.168), para fonema temos “Fonema é a unidade de som que contribui para o estabelecimento de diferenças de significado entre as palavras de uma língua”. Para demonstrar essa distinção entre os sons usa-se o par: faca e vaca, porém não é usado o conceito de par mínimo.

Na sequência segue-se com as explicações acerca da distinção de sons, é mostrado exemplos de consoantes surdas e sonoras, porém não é explicada as motivações ou razões de serem essas consoantes classificadas uma como surda e outra como sonora, talvez isso se deva ao fato de não haver um estudo, nessa coleção de livros didáticos, que apresente o aparelho fonador e o seu funcionamento, para que a partir daí seja dada as explicações sobre o ponto e modo de articulação de produção dos sons. A distinção do som é vista apenas como instrumento de diferenciação de palavras e do sentido dessas palavras. É feita referencia aos alofones, explicando que nem sempre a mudança de som altere o sentido da palavra a exemplo da palavra tia, que é pronunciada em algumas regiões [tia] e em outra [tʃia], sempre terá o mesmo significado em qualquer região a pesar da mudança no som, isso decorre do fato de tratar-se apenas de uma variação fonética.

No tópico seguinte “A relação entre os sons da língua e a escrita alfabética”, na página 169, é colocado que o sistema alfabético não dispõe de símbolos para a representação dos fonemas, por isso é que encontramos um único símbolo usado para representar fonemas diferentes, como o t usado na palavra todo e tipo /tipo/ ou /tʃipo/.

É evidenciado também que na escrita alfabética não é regra sempre representado com a mesma letra, isto é, um mesmo fonema pode aparecer representado por letras diferentes a exemplo do fonema /z/ das palavras casa e zebra, no primeiro exemplo aparece representado por s, na segunda é representado por z. Por fim, é posto que é possível uma mesma letra representar mais de um fonema, como exemplo a letra x, que pode representar o fonema /z/ em exame e o fonema /s/ em sintaxe, é dito ainda que uma sequência de duas letras pode representar apenas um fonema, exemplo de chuva em que a sequência ch representa o fonema /ʃ/, e uma única letra pode representar uma sequência de dois fonemas exemplo do x na palavra sexo, em que o x representa sozinho a sequência de fonemas /ks/. Nas propostas de atividades encontradas predomina a estrutura que privilegia a formação de hábitos linguísticos.

Apesar da abordagem desses conteúdos nesta coleção se dá sob o enfoque descritivo, não é considerada totalmente satisfatória a abordagem dos conceitos fonéticos e fonológicos, pelo fato de ser muito resumida, não trazendo uma explicação do funcionamento do aparelho fonador, o ponto e modo de articulação dos sons etc.

Na análise das duas coleções observou-se que ambas as coleções propõem atividades no campo das variações linguísticas, porém não é dado um suporte adequado para a compreensão dessa perspectiva. Não há utilização de explicações à luz da história de evolução da língua para justificar a ocorrência dessas variações.

### 3.3 ALGUMAS PROPOSTAS PARA A INTRODUÇÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA INTERNA DA LÍNGUA E ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA

Neste item iremos expor algumas propostas para que sejam introduzidos no ensino de Língua Portuguesa os conceitos fonéticos e fonológicos satisfatoriamente, assim como para a introdução do estudo da história interna da língua, para que se possa a luz dessa história explicar muitos dos fenômenos linguísticos que encontramos no ensino de língua materna e sempre deixam os aprendizes confusos e cheios de dúvidas.

**Proposta nº 1:** Reservar um espaço, das aulas de português, para ensino da História da Língua Portuguesa.

Nesta proposta sugere-se que o professor de Língua Portuguesa abra um espaço para o ensino da história da língua; para isso ele iria reservar algumas aulas para abordar especificamente o quadro de evolução da língua portuguesa.

Para essas aulas o docente deverá se apoiar em textos que tragam a história interna da língua, o professor poderá desenvolver atividades a partir desses textos, adequando-os a cada seguimento no qual estará utilizando.

Será interessante que o professor procure textos escritos nos diversos períodos da história da língua, e use esses textos nas aulas para que assim seja facilitada a compreensão, por parte dos discentes, dessas transformações; para os alunos será bem mais fácil entender como se sucederam essas transformações se apresentadas conjuntamente com os textos escritos em cada época que elas ocorreram. Um exemplo de estudo desse tipo é o livro História da Língua Portuguesa (2008) organização de Segismundo Spina.

Esse método, além de facilitar a compreensão dos estudantes, ajudará a despertar o interesse dos mesmos em buscar as raízes da língua materna, e dessa forma serão observadas as transformações ocorridas em razão das transformações fonéticas e fonológicas, bem como sintáticas, morfológicas e lexicais.

**Proposta nº 2:** Procurar inserir dentro das aulas de português, em seu curso comum, explicações à luz da história da língua.

Sugere-se que o professor de Língua Portuguesa em suas aulas rotineiras insira os conhecimentos históricos da língua, lançando mão desse conhecimento para tirar dúvidas dos seus alunos em relação aos conteúdos objetos das aulas de português.

No domínio da ortografia as dúvidas sempre são muitas, por exemplo: s com som de z, quando usar um ou outro por quê? Estas e outras dúvidas sempre surgem na cabeça dos alunos, então seria pertinente que o professor buscasse expor para os discentes as razões que levaram a ocorrer essas grafias, tais dúvidas poderão ser extintas ou pelo menos amenizadas quando os aprendizes tiverem a oportunidade de ter acesso ao conhecimento acerca da evolução da língua, principalmente a evolução fonética e fonológica.

Outros pontos em que são úteis as explicações com base na história da língua são os processos de formação de palavras, as questões relacionadas ao vocabulário da língua etc.

**Proposta nº 3:** No estudo das variações linguísticas serão pertinentes algumas observações sobre a história da língua.

Nos livros didáticos em geral são propostas atividades sobre variações linguísticas, porém a maioria desses livros didáticos, ao apresentar essas variações, leva em consideração apenas questões relacionadas às variações geográficas e socioculturais, sem se preocupar em trazer as variações que ocorrem em razão de influências da história da língua.

Aqui se sugere que, ao abordar as variações linguísticas, o professor de português procure relacionar essas ocorrências relacionando-as com as transformações fonéticas e fonológicas ocorridas ao longo da história da língua, por exemplo, encontros em alguns dialetos a palavra luta pronunciada luita, o professor pode se apoiar no quadro das evoluções ou transformações históricas na fonética e fonologia da língua portuguesa para

explicar ao aluno que, lá no latim clássico existia a palavra *lucta* e por um processo fonológico esse *c* vocalizou-se em *i* chegando ao latim vulgar e o português arcaico a palavra *luita*, e por isso ainda hoje é possível encontrarmos pessoas que a pronunciam dessa forma, possivelmente porque muitas palavras deste tipo passaram pelo mesmo processo e continuam no português atual com o som vocalizado ex.: lat: *lector*>port: *leitor*; lat: *facto*>port: *feito* etc.

**Proposta nº 4:** Promover um estudo dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa.

Até o presente momento fizemos algumas sugestões para um estudo diacrônico das questões discutidas. Esta proposta é direcionada ao estudo sincrônico<sup>8</sup> de Fonética e Fonologia, já que consideramos insuficientes as abordagens dos livros didáticos aqui analisados.

Então sugerimos que o professor de Língua Portuguesa ao trazer para sala de aula esses conteúdos, procure preparar as aulas de uma forma que venha a privilegiar o ensino das distinções dos sons, ponto modo de articulação, explicando o que é som vozeado e desvozeado, distinção entre sons orais e nasais, no quadro das vogais trazer as noções sobre vogais: fechadas/médias/abertas, anteriores/posteriores, arredondadas/não arredondadas; e fazer a apresentação do aparelho fonador levando os alunos a compreenderem o funcionamento da produção dos sons na língua portuguesa, e ainda atentar para o sistema de transcrição fonética.

---

<sup>8</sup> Entendemos que o ensino não ficará restrito a um ensino na perspectiva diacrônica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscamos abordar as possíveis transformações fonéticas e fonológicas ocorridas na língua desde o latim clássico até o português contemporâneo e analisar como o ensino tem abordado esses aspectos e se são abordados.

Compreendendo-se que essas transformações ocorridas ao longo da história influenciaram a língua portuguesa nos mais diversos aspectos. No decorrer desse trabalho procuramos mostrar como essas transformações ocorreram no âmbito da fonética e fonologia e em outros campos da língua e como fizeram com que o português se tornasse a língua que é atualmente.

Para alcançarmos esse objetivo fizemos um panorama da história interna da língua portuguesa. Ao longo da apresentação desse panorama podemos verificar o caráter dinâmico da língua; a língua não é estática e sofre transformações por influência de fatores diversos, por isso entendemos que por se ter esse caráter transformacional estudá-la apenas de modo sincrônico tende a comprometer a compreensão de seu funcionamento. Assim sentiu-se a necessidade de observar se de alguma forma há uma abordagem das evoluções internas da língua, se há uma preocupação com esse aspecto.

No primeiro capítulo, ao analisarmos as transformações que ocorreram do latim clássico para o latim vulgar, pôde-se entender como uma língua sintética como o latim clássico aos poucos foi dando origem às línguas analíticas, isso porque com o passar do tempo e a necessidade os falantes vão aos poucos alterando as construções frasais, deixando de lado recursos como as terminações dos casos, e incorporando novos recursos como preposições, artigos etc. Além disso, observamos que nas pronúncias das palavras aos poucos vão surgindo modificações talvez como forma de simplificação dessa pronúncia.

Quando, no segundo capítulo, fizemos o percurso da história da língua portuguesa iniciando do galego-português e finalizando no português contemporâneo. Observamos que as transformações ocorridas refletiram principalmente na ortografia da língua, o sistema de escrita como temos agora é fruto de diversas modificações, e que por causa dessas modificações consagrou-se uma ortografia que acaba por diversas vezes causando embaraços para os usuários da escrita, principalmente se esses usuários estão em processo de aquisição da escrita.

No terceiro capítulo concretizamos a análise de duas coleções de livros didáticos usadas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, da rede municipal e estadual de ensino. Em nossa análise constatamos, como esperado, que nas coleções usadas para análise em nenhum ponto há a preocupação em trazer os aspectos evolutivos da língua; os conteúdos são sempre abordados numa perspectiva sincrônica, e ainda o desenvolvimento desses conteúdos segue o modelo tradicional, ou seja, é sempre dado enfoque ao quadro normativo da língua.

Observamos que apesar de não se prestigiar a história da língua, esta tem um papel fundamental no que se refere ao entendimento por parte alunos. Em todas as partes da gramática sempre haverá um aspecto que causará certo desconforto, isto é, trará complicações para a compreensão dos fatos gramaticais e uma abordagem histórica pode ajudar a desvendar essas complicações.

No tocante ao ensino de Fonética e Fonologia, verificou-se que ainda que, de um ponto de vista sincrônico, os conceitos fonéticos e fonológicos são pouco enfatizados, a abordagem desses conteúdos é feita quase sempre de modo simplificado, colocados as vezes superficialmente sem atentar para aspectos importantes nesses conteúdos, como, por exemplo, a descrição do modo de produção dos sons, a estrutura do aparelho fonador etc. Verificamos ainda que nessas coleções são encontradas atividades com propostas acerca das variações linguísticas, mas não é dado nenhum suporte teórico para que o aluno desenvolva uma consciência e conhecimento adequado sobre essas variações.

Por fim fizemos algumas propostas de possíveis formas de se fazer a introdução da história interna da língua portuguesa nas aulas de português, ressaltamos ainda que não temos a pretensão de traçar um modelo para as aulas, nem que tais propostas sejam consideradas como as únicas formas de se fazer esse ensino; esperamos apenas que elas sirvam de incentivo para que os professores trilhem seu próprio caminho e estruturam suas aulas, de modo a buscar a melhor forma de alcançar a compreensão por parte dos discentes.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M, ABAURRE, M. B. M, PONTARA, M. **Português: contexto, sentido e interlocução**. Vol. I. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

\_\_\_\_\_. **Português: contexto, sentido e interlocução**. Vol. II. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

\_\_\_\_\_. **Português: contexto, sentido e interlocução**. Vol. III. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gramática Latina: curso único e completo**. 30 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica do latim ao português**. Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em [www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100](http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100) acesso em 20 de setembro de 2014.

BALDINI, Lauro José Siqueira. **A Nomenclatura Gramatical Brasileira interpretada, definida, comentada e exemplificada**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas, SP: UNICAMP, 1999.

BARROS, Clara. História da língua/ensino da língua. **Revista da Faculdade de Letras**. Porto: 1997.p.81-98. Disponível em <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/fonetica-x-fonologia-relacoes-implicacoes-no-ensino-e-aprendizagem-da-lingua-portuguesa--3> acesso em 20 de fevereiro de 2016.

BEVILÁQUA, Kayron Campos. Appendix Probi e a variação linguística no português brasileiro. **Revista Versalete**. Curitiba, vol.2. n°2, 2014.

BORSTEL, Clarice Nadir von. A fonética e a prática de ensino/aprendizagem. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 353-366, jul./dez. 2008. Disponível em <http://www.uepg.br/uniletras>. Acesso em 09 de janeiro de 2015.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COMBA, Júlio. **Programa de latim: Introdução à língua latina**. Volume I. 19ª ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DUARTE, Francis Paula Correa. SANTOS, Thaís de Paiva. **Os estudos de fonética/fonologia e a prática de ensino-aprendizagem: um percurso histórico e contemporâneo na sala de aula**. 2007 Disponível em [http://www.filologia.org.br/xviii\\_cnlf/completo/Os%20estudos%20de%20fon%C3%A9tica-fonologia%20-%20FRANCIS.pdf](http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/completo/Os%20estudos%20de%20fon%C3%A9tica-fonologia%20-%20FRANCIS.pdf) . Acesso em 09 de janeiro de 2015.

FONTE, Juliana Simões. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval** [online]. São Paulo: Editora UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em [http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2012/05/Rumores\\_da\\_escrita.pdf](http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2012/05/Rumores_da_escrita.pdf). Acesso 22 de novembro de 2015.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HALLIDAY, M. A. K, MCINTOSH, Peter. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAUY, Amini Boainain. Séculos XII, XIII e XIV. In: **Historia da Língua Portuguesa**. (org.) Segismundo Spina. Coita, SP: Ateliê Editorial, 2008.p.21-139.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

PAIVA, Dulce de Faria. Século XV e meados do século XVI. In: **História da Língua Portuguesa**. (Org.) Segismundo Spina. Coita, SP: Ateliê Editorial, 2008.p.147-237.

QUENDNAU, Laura Rosane. Os padrões acentuais do latim ao Português. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 56, p. 207-221, 2014.

RODRIGUES, Sónia Valente. **Fonética e Fonologia no ensino da língua materna: modos de operacionalização**, 2005. Disponível em: [http://web.letas.up.pt/srodrigues/pdfs/term\\_ling\\_actas.pdf](http://web.letas.up.pt/srodrigues/pdfs/term_ling_actas.pdf) Acesso em 13 de maio de 2014.

RONDINI, Roberto Botelho. **O acento primário no Latim Clássico e no Latim Vulgar: o tratamento da mudança na perspectiva da teoria da otimalidade**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas-Língua Portuguesa). Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Rosa Virgínia Matos e. **O português arcaico: fonologia**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA NETO, Serafim da. **Historia da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.

SPINA, Segismundo. Segunda metade do século XVI e século XVII. In: **Historia da Língua Portuguesa**. (Org.) Segismundo Spina. Coita, SP: Ateliê Editorial, 2008.p.279-346.

TAVARES, R. A. A, BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber português**. 6º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de saber português**. 7º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de saber português**. 8º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vontade de saber português**. 9º ano. 1 ed. São Paulo: FTD, 2012.

TEYSSIER, Paul. **Historia da Língua Portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 6 ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

VELOSO, João. RODRIGUES, Alexandra Soares. **A presença da fonética e da fonologia no ensino do português (ensino básico e secundário):** algumas considerações preliminares. 2001. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3314>  
Acesso em 13 de maio de 2014.

VOGELEY, Ana Carla Estellita. **Variações linguísticas x desvios fonológicos**. Dissertação (mestrado em Ciências da Language). Recife: UNICAP, 2006.

## **ANEXOS**